

DANIEL GODRI JUNIOR
JOSÉ MOREIRA GUEDES FILHO

GIGANTES DA

Fe,

GIGANTES DA

Vida



Canção Nova
EDITORA





DANIEL GODRI JUNIOR
JOSÉ MOREIRA GUEDES FILHO

GIGANTES DA

Fé,

GIGANTES DA

Vida



DIREÇÃO GERAL: Rafael Cobiانchi
EDITORIA: Jocelma Cruz
ASSISTENTE EDITORIAL: Marcelo Luiz Bermejo do Amaral
CAPA: Claudio Tito Braghini Junior
DIAGRAMAÇÃO: Tiago Muelas Filú
PREPARAÇÃO E REVISÃO: Patricia Bernardo de Almeida
Tatianne Aparecida Francisquetti

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

EDITORIA CANÇÃO NOVA
Rua São Bento, 43 - Centro
01011-000 São Paulo SP
Telefax [55] (11) 3106-9080
e-mail: editora@cancaonova.com
vendas@cancaonova.com
Twitter: editoracn

Home page: <http://editora.cancaonova.com>

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-407-5

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2014

APRESENTAÇÃO

Sabia que tudo começa em você? Na medida em que ainda estou compreendendo as coisas de Deus, e o modo como, costumeiramente, Ele decide contar com alguém, surpreende-me continuamente o fato de que Deus segue procurando um coração, uma pessoa, alguém que, simples e absurdamente, Lhe conceda espaço gratuito.

Sei que é bem mais fácil – terrível resultado do que o mundo contemporâneo foi nos ensinando sobre o que é sucesso – alimentar a ideia de que homens e mulheres que marcaram a história do mundo o fizeram porque conceberam projetos grandiosos, foram visionários e, de algum modo, anteviram suas trajetórias e vitórias. Mas não é assim!

Desta forma, compreendo – cada vez mais – que o Reino de Deus, e o que entendemos como um mundo novo, começa sempre no coração de alguém que, com vibrante generosidade e amor inquieto e vivaz, muitíssimo antes de oferecer ao Senhor seus feitos, oferece-se a si mesmo, por conta da compreensão de que um mundo novo é feito de gente que é, mais do que de gente que faz. O fazer é um transbordamento do ser! E Deus é assim! Ele sabe que o mundo é feito de pessoas! Por isso, interessa-Lhe um coração que O receba e não se intimide com a capacidade que possui de abrigá-Lo em si, mesmo em toda a Sua grandeza de Amor.

O mundo novo sempre tem origem no coração de alguém! E é bem possível que você também se sinta assim, isto é, instigado pela possibilidade de mudar o imutável, de quebrar o inquebrantável, de passar do ponto que temos a mania de determinar como um limite. Você também sente que pode ir além! Faz parte de você, não é verdade?

Talvez por experiência própria, ou através do testemunho de alguém, você já tenha sentido a tremenda força que existe nos gestos de Amor, nas palavras verdadeiras, na retidão das intenções. São mesmo forças inesgotáveis e nos surpreendem à medida que temos a coragem de deixar que atuem em nós.

Portanto, não tenho medo de pensar que as pessoas com as quais vou me encontrar neste livro são iguais a mim e a você. Penso que estaria ofendendo gravemente a Deus se pensasse de um modo diferente, uma vez que, à medida que vou conhecendo suas histórias e a fortíssima energia de puro amor que destilam, sinto cada fibra de minha alma e corpo vibrarem numa sintonia que parece não caber em mim. Sinto Deus em mim! Seu Amor em mim!

Por isso, atenção, donas de casa, pais, mães, filhos, padeiros, banqueiros, administradores, sacerdotes, religiosos, porteiros, motoristas, jardineiros... Atenção!

Muita atenção! As histórias que por meio deste livro chegam até nós, acima de tudo, revelam quem Deus é, quem somos nós, e em que pode transformar-se o mundo onde cada um de nós vive.

Além do mais, aqui existe uma profundíssima revelação sobre a felicidade de existir, da qual, possivelmente, você tenha tomado distância. E está na hora de voltar, de se aproximar dessa felicidade novamente.

Se lhe faltava inspiração, eis um novo tempo!

RICARDO SÁ
Apresentação

INTRODUÇÃO

Esta é uma obra para cristãos, católicos ou evangélicos, que demonstra com clareza como algumas pessoas deixaram o mundo melhor a partir de ideias, a princípio pequenas, mas que, colocadas em prática e levadas a termo com a ajuda de Deus, fizeram uma grande diferença na vida do próximo.

O livro pretende despertar nos leitores o respeito a cristãos de outras denominações, diferentes da sua, além de fazê-los perceber que além de nossos preconceitos humanos existem pessoas trabalhando para o bem dos demais e do mundo.

Quem nunca ouviu alguém falar mal da Igreja? Quem nunca esbarrou em noticiários que divulgam somente coisas ruins a respeito da conduta dos cristãos? Mas quantas dessas pessoas que falam mal da Igreja realmente se dispõem a visitar suas obras, para ajudá-las?

Justamente por conta dessas pessoas, sentimos no coração a necessidade de escrever um livro que falasse sobre as muitas coisas boas feitas por aqueles que não se deixam abater pela negatividade e que se mantêm repletos de fé.

A Igreja Católica mantém pelo mundo milhares de organizações de cunho social, como hospitais, leprosários, asilos e orfanatos. Mas o mais importantes é perceber que por trás dessas inúmeras organizações existiram – e existem – pessoas, gigantes da fé e da vida que não se acomodaram, que não arrumaram desculpas, que fizeram o melhor que podiam, com o que dispunham.

Hoje temos um conceito errado de humildade: achamos que humilde é quem menospreza a própria força, menospreza a si mesmo. Isso não é humildade, mas uma ofensa a Deus. Humilde é quem reconhece a origem de sua força, quem brilha, mas sabe a origem do próprio brilho. Quem brilha não para aparecer, mas para iluminar, para mostrar o caminho, para refletir a grandeza Daquele que é origem, do Deus que é “Luz do mundo”.

Deus quer que você brilhe, que não esconda sua luz, que a coloque em cima do cômodo para iluminar toda a casa, para que as pessoas, ao verem essa luz, glorifiquem o Senhor que está nos Céus.

Sem sombra de dúvidas, este é um livro inspirador, e será impossível lê-lo sem comover-se com os gigantes da fé e da vida. Será também difícil terminá-lo sem que estas histórias verdadeiras acendam em nós a vontade de sermos melhores e de fazermos mais.

Uma excelente leitura!

CHIARA LUBICH

Chiara Lubich nasceu em Trento, em 22 de janeiro de 1920, filha de mãe cristã e pai socialista. Seu nome de batismo era Silvia. Diplomou-se professora primária e lecionou em Castelo, Livo e depois Trento, na Itália. Iniciou o curso de filosofia na Universidade de Veneza, mas teve que interrompê-lo por causa da Segunda Guerra Mundial.

Mulher com o sorriso fácil, trazia no peito apenas um sonho: o de encarnar a espiritualidade no âmbito social e desenvolver o ecumenismo e o diálogo religioso de maneira que todos pudessem viver plenamente a unidade e a fraternidade.

Por detrás de seu sonho, havia também um desejo inabalável, uma crença em um Deus amoroso e uma grande paixão pelas pessoas. Chiara sonhava em resolver os problemas sociais da cidade de Trento, abalada em decorrência da Segunda Grande Guerra. Desejava também curar as feridas materiais e sociais da sua cidade.

Atraída pela vida de Clara de Assis¹, decide mudar seu nome para Chiara e, no dia 7 de dezembro de 1943 – data considerada como nascimento do movimento dos focolares (do italiano *focolare*: lareira, lar, casa) –, faz seus votos perpétuos de castidade a Deus. Graças ao seu “sim” sem reservas, o movimento nasce sobre princípios evangélicos, embora, com o passar do tempo, passe a atrair pessoas das mais diversas religiões, vivendo assim o diálogo religioso com adeptos de diversas confissões religiosas. O princípio da unidade se tornaria uma realidade entre eles.

Apesar de grande disposição e esforços despendidos em favor do movimento focolar, o começo foi lento: “Nem com as melhores previsões, eu jamais poderia ter pensado, no dia 7 de dezembro de 1943, naquilo que vejo hoje”, disse Chiara Lubich ao recordar o início do movimento. Ela não sonhava algo tão grande, mas de sua vida nasceu esse projeto divino que tem feito o mundo dar as mãos.

Chiara buscou encharcar a todos com o amor, assim como o pão se ensopa dentro de um copo de vinho. Porém, seu sonho ia além de dividir o pão com o pobre: seu desejo era dividir aspectos profundos da alma, como a tristeza e a alegria, criando uma fraternidade universal.

Concomitantemente, ao ver o Evangelho com um olhar mais profundo, via também as bombas caírem na cidade de Trento durante a Segunda Guerra Mundial, o que a levou a se questionar sobre a existência de algo mais forte que as bombas, que feriam e matavam inocentes. A resposta foi encontrada em seu próprio interior: o amor. Ao

visualizá-la, criou verdadeiras “operações urbanas”, em diversas cidades por diversos momentos, nas quais se criava uma cultura do amor entre os membros do movimento, que se estendia para outras pessoas da cidade.

Num lugar bem alto de Trento, Chiara contemplava a cidade, e o seu coração batia forte, com um desejo profundo de vê-la incendiada pelo amor. Ela queria incendiar as cidades com o fogo do amor, um fogo que mesmo pequeno fosse capaz de deixar uma cidade em chamas! Esse fogo é sobrenatural, vem de Deus, e age nas almas das pessoas, unindo-as entre si! E essa chama pode atingir a todos, afinal, a visão de Chiara é ampla, e ela quer atingir o mundo secular, levando o amor para fora dos quatro muros da Igreja, a fim de que “todos sejam um” (Jo 17,21).

Certa vez, ao fazer votos de ver cada pessoa ligada pelo amor, pelo amor verdadeiro, puro, sem preconceitos, e não apenas dentro da Igreja, mas nas ruas e praças da cidade de Trento, surgiu em seu coração, enquanto se reunia com grupos cada vez mais numerosos nas montanhas Dolomitas, o desejo de formar uma sociedade fundamentada no Evangelho. Surgiam, assim, as mariápolis² – cidades de Maria.

Em 1956, foi publicada a primeira coletânea de escritos espirituais de Chiara, com o título *Meditações*, que se tornou um instrumento para difusão do movimento além da Cortina de Ferro³ nos países do leste europeu. Outro passo importante se deu em 1962, quando Papa João XXIII abençoou e reconheceu o Movimento com o nome de Obra de Maria.

Em 1959, nasceu em Fontem (República dos Camarões) uma mariápolis permanente, onde foi construído um hospital em ajuda à tribo dos Bagwa, como testemunho de unidade e colaboração entre o Movimento e a população local.

Anos depois, em 1977, por meio de um trabalho muito intenso, na cidade de Londres, se deu um grande marco na história do Movimento: Chiara recebeu o Prêmio Templeton para o progresso da religião. Na ocasião, estavam presentes representantes de numerosos credos. Assim, tem início oficialmente o diálogo com os seguidores de outras religiões.

Chiara leva o seu movimento a diversas religiões, sempre se inspirando no Evangelho e valorizando os princípios paralelos de outras religiões. É a chamada humanidade nova, da qual fazem parte todos os homens, de todos os credos e condições sociais. Chiara tem um chamado a penetrar as estruturas, tanto sociais quanto psicológicas, através de ações revestidas de amor e partilha. O método é simples: viver o carisma da unidade!

Para Chiara, a vida do homem não pode ser uma vida dupla ou tripla: ele deve ter sempre a mesma atitude em casa, no trabalho, na igreja, enfim, viver o carisma da

unidade, de modo unitário, criando rastros do reflexo do Evangelho em todos os ambientes pelos quais passar.

Essa unidade deve também se manifestar em solidariedade. Ao vir ao Brasil, Chiara se deparou com um grande contraste social e sentiu o desejo de erradicar a pobreza e a miséria por meio da comunhão dos bens. Surgiu, assim, a Economia da Comunhão, que é uma economia baseada na partilha: quem tem mais distribui a quem não tem. Chiara conseguiu envolver empresas e levá-las a viver um modelo mais justo, disseminando ao mundo esta ideia revolucionária.

Respeitada por pessoas de todos os credos, Chiara Lubich foi convidada a ministrar palestras em diversas religiões, inclusive num majestoso templo budista, em Tóquio, no qual ministrou para dez mil pessoas. Também deu o seu testemunho para mais de três mil muçulmanos na mesquita de Malcolm X, no Harlem (Nova Iorque).

Em seu coração não havia exclusão, não havia distinção de pessoas. Para ela, os cristãos não eram melhores que os ateus, por isso, também os convidou para caminhar rumo à fraternidade universal.

Assim, conseguiu criar um laço fraterno extraordinário entre judeus, hindus, muçulmanos, evangélicos, budistas e ateus, todos envolvidos pela fraternidade universal e trabalhando para um mundo melhor graças ao coração desta grande mulher. Uma mulher cujo nome é sinônimo de paz e respeito.

Em 1994, Chiara foi nomeada presidente honorária da WCRP (*World Conference of Religions for Peace* – Conferência Mundial das Religiões pela Paz).

No dia 14 de março de 2008, morre Chiara, mas permanece o seu legado de unidade, comunhão e paz para o mundo.

Espelhemo-nos no exemplo dessa grande mulher, que conseguiu encarnar o mandamento de Jesus: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti” (Jo 17,21).

DOMINIQUE PIRE

Se queres a paz, prepara a paz. Existe uma tentação extremamente perigosa de confundir a paz com a simples ausência de guerra, como se fôssemos tentados a confundir a saúde com a simples ausência de doença, ou a liberdade com a ausência de prisões. Por exemplo, “coexistência pacífica” é uma expressão que significa ausência de guerra e não paz verdadeira. Passemos, então, a definir “paz positiva” como o começo da compreensão mútua, do respeito e consideração pelo outro como diferente de nós. A paz positiva é aquilo que chamo coexistência das almas e dos corações. Esta definição é válida para a paz entre grupos, nações, blocos etc. (Dominique Pire).

Georges Charles Clement Ghislain Pire, conhecido como Dominique Pire (1910-1969), foi filho de Georges e Berthe Pire. Nasceu em Dinant, Bélgica, e ainda menino sentiu na pele a destruição da guerra: quando tinha apenas quatro anos e meio de idade, teve início a Primeira Guerra Mundial. Com ela, ele e sua família tiveram de fugir para a França antes que as tropas alemãs chegassem à Bélgica. Passaram quatro anos longe de casa e, ao retornarem, seu lar estava carbonizado e em ruínas.

Georges Pire estudou filosofia no Collège de Bellevue e ainda muito jovem sentiu o chamado à sua vocação religiosa. Assim, aos dezoito anos, entrou para o convento Dominicano de La Sarte, em Huy, onde fez seus votos perpétuos em 1932 e adotou o nome de Henri Dominique.

Continuou seus estudos no Colégio Angélico e na Universidade Dominicana de Roma. Foi ordenado sacerdote em 1934 e concluiu seu doutorado em teologia em 1936.

Após um ano de estudo em ciências sociais na Universidade de Louvain, na Bélgica, retornou para o mosteiro de Huy para ensinar sociologia e filosofia moral.

Por seu histórico com a guerra, Georges Pire sentia arder em seu peito a necessidade de ajudar a todos que passaram pelo mesmo infortúnio.

Porém, antes que as feridas abertas pela Primeira Guerra pudessem cicatrizar dentro do coração de padre Pire, veio a Segunda Guerra Mundial, em 1939. Com isso, este homem de garra e determinação deu início à sua incansável missão. Fundou o Serviço *D'Entraide Familiale* e os Postos de *Plein Air de Huy* com o intuito de ajudar as famílias e as crianças mais necessitadas.

Ambas as fundações alimentaram milhares de crianças belgas e francesas durante (e após) a Segunda Guerra Mundial, época em que Pe. Pire serviu como capelão do movimento de resistência, agente do serviço de inteligência e participante no sistema de escape de pessoas aliadas. Por seus serviços, foi condecorado com a Cruz Militar, a Medalha de Resistência com espadas cruzadas, a Medalha de Guerra e a Medalha do

Reconhecimento Nacional.

A guerra deixou um saldo de mais de cinquenta milhões de mortos, trinta milhões de mutilados e incontáveis lares destruídos e pessoas refugiadas. Diante desses alarmantes números, Pe. Pire, armado somente com sua força moral e um enorme coração, a partir de 1949, entregou-se completamente ao trabalho com os refugiados deslocados da guerra e fundou a *Europe du Coeur au Service du Monde* (Europa do Coração a Serviço do Mundo), construindo uma série de campos para refugiados e garantindo-lhes ajuda moral e material, independentemente das barreiras sociais, filosóficas, de nacionalidade ou religião. Nesta mesma época, visitou os campos de refugiados na Áustria e escreveu sua obra *Du Rhin au Danube avec 60.000 D.P.*, alertando para as consequências da guerra. Nos cinco anos subsequentes (1950-1954), ele próprio fundou mais quatro casas de acolhimento na Bélgica, e ao longo de toda a Europa criaram-se filiais. Outras aldeias foram fundadas também na Alemanha, Bélgica e Áustria, entre os anos de 1956 e 1962.

No dia 10 de dezembro de 1958, no grande salão da Universidade de Oslo, Noruega, padre Pire recebeu o Prêmio Nobel da Paz das mãos do rei Olavo e da princesa Astrid⁴. Ao recebê-lo, disse: “É em nome de todos os homens de boa vontade que eu digo muito obrigado! Eu quero ser a voz do povo sem voz”.

Pe. Pire foi muito além de voz para os povos sem voz; foi um verdadeiro pai para eles, já que em 1960 iniciou um impressionante sistema de patrocinadores que fez que eles fossem ajudados por pessoas em outros países. Neste movimento, as pessoas interessadas podiam apadrinhar uma família de refugiados, enviando encomendas, bens materiais e cartas de encorajamento. Na época, contou com mais de dezoito mil patrocinadores.

Paralelamente a esse movimento, padre Pire estabeleceu, em Huy, o Centro Internacional de Paz Mahatma Gandhi, depois denominado Universidade de Paz, destinado a acolher jovens de todo o mundo em conferências e cursos sobre a paz. Seu intuito era estabelecer um diálogo fraternal entre os povos. Segundo um de seus tradutores e amigo, para ele o diálogo não consiste em expor o seu ponto de vista aos que pensam de maneira diversa, mas em pôr provisoriamente entre parênteses o que pensa, para tentar, primeiramente, compreender o ponto de vista dos outros e verificar o que há de apreciável nele.

A Universidade está aberta a qualquer pessoa que deseje se dedicar ao trabalho construtivo para a paz. As pessoas podem se inscrever em sessões de duas semanas, realizadas no verão, ou em sessões de curta duração, de dois dias programados ao longo do ano, ou ainda em sessões individuais para ouvir palestras ministradas em quatro línguas: francês, inglês, alemão e holandês. Milhares de pessoas de mais de quarenta

países já participaram de sessões da Universidade.

Incansável, Pe. Pire não parou por aí. Também foi o fundador do *World Friendships*, o movimento para as amizades mundiais que promove o diálogo fraterno, exercido a distância por correspondência, entre pessoas de diferentes nacionalidades; também foi o fundador do *World Sponsorships*, que possibilita às pessoas patrocinar, com a ajuda material, famílias de refugiados na África ou na Ásia.

Por fim, criou o *Pire's Bâtir la paix*, em 1966: uma ONG para o desenvolvimento de populações rurais de países pobres, a começar pelo Bangladesh e pela Índia, e posteriormente se estendendo aos países da África e da América Latina.

Muitas outras iniciativas de paz foram empreendidas pelo Pe. Pire até sua morte em Louvain, em 1969, dez dias antes de completar 59 anos. Com tantas obras, chegamos a pensar: por qual delas Pe. Pire ganhou o prêmio Nobel da Paz? Gunnar Jahn, presidente do Comitê Nobel do Parlamento norueguês, bem justificou a concessão do prêmio: “O trabalho do Pe. Pire em favor dos refugiados é uma ação empreendida para curar as feridas da guerra, para construir um feixe de luz e de amor, bem acima das vagas do colonialismo e da oposição entre raças; uma ação que favorece o desenvolvimento do espírito de fraternidade entre os homens e os povos”.

Pe. Pire, apesar de ser encontrado muitas vezes entre políticos e sábios, era um homem humilde, vestia hábito branco, não ostentava títulos e se dizia um simples seguidor de Jesus. Grande era a sua fé, e sem alarde, colocou-a em prática por meio de gestos concretos, mostrando-nos que a paz é um bem precioso demais para ser entregue apenas aos cuidados de políticos e diplomatas.

CAMILO DE LELLIS

Camilo nasceu em uma família nobre, em 1550, na Itália. Chegou a servir o exército com seu pai, que logo veio a falecer. De herança recebeu uma arma de fogo e uma espada.

Infelizmente, foi expulso do exército por ser considerado um sujeito mau-caráter e em decorrência do surgimento de uma chaga em sua perna, a qual o acompanhou até a morte. É fato que Camilo tinha alguns vícios, dentre eles, talvez o mais cruel, estava o da jogatina, vício que adquiriu aos doze anos de idade. Devido a ele, Camilo chegou a perder todos os seus bens e teve que mendigar para sobreviver.

Ao repensar sua vida, arrependeu-se e decidiu servir aos pobres nos hospitais. Então, tocado pelo exemplo de dois franciscanos, Camilo fez voto de ser um deles, porém, por causa da chaga, não foi aceito na ordem.

Foi, então, para Roma a fim de trabalhar no Hospital dos Incuráveis como enfermeiro. Procurava curar a perna e ganhar algum dinheiro. Contudo, a paixão pelo jogo o perseguia. Apesar de lutar contra ela, em decorrência dos constantes maus exemplos que dava, foi também expulso do hospital.

Decidiu mais uma vez voltar à carreira militar. Ao enfrentar uma violenta tempestade no mar enquanto estava em serviço, lembrou-se, assustado, do voto de tornar-se franciscano. Orou a Deus, pedindo que o livrasse da tormenta para que pudesse seguir o seu voto. Porém, passada a tempestade, voltou a esquecer que o tinha feito.

Retornou a Roma com o intuito de cuidar de sua chaga, que lhe reaparecera na perna. Porém, novamente o vício foi mais forte: certa vez, chegou a perder até mesmo a camisa do corpo em um jogo.

Saiu da cidade e em Manfredônia foi recebido pelos capuchinhos. O superior do convento, notando-lhe algo de especial, falou-lhe de Deus e da vocação religiosa.

Camilo, tocado pela graça, converteu-se, sendo recebido como postulante. Entretanto, a chaga voltou a aparecer em sua perna, e eles, pesarosos, o despediram. Tempos depois, curou-se e tentou voltar, mas a chaga mais uma vez reabriu.

Camilo foi parar no hospital e ali se dedicou ao cuidado dos enfermos, chegando a ser nomeado administrador geral do hospital. Camilo criou regras de conduta para o bom trato dos enfermos e também criou uma obra para cuidar dos doentes.

Em 1590, a situação era caótica na Itália, tanto em aspectos econômicos quanto sociais. Os pobres foram obrigados a se alimentar de animais mortos e de ervas para

sobreviver. São Camilo levava pão e veste a quantos podia.

Estima-se que sessenta mil pessoas morreram de frio e fome somente em Roma. Enquanto isso, a conversão de Camilo foi tão profunda que ele dava seu próprio manto aos que passavam frio. Conta-se, inclusive, que ele chegou a dar o último saco de farinha que havia no convento aos necessitados.

Ao ser acometido por uma grave enfermidade, Camilo optou por permanecer no hospital, não para ser curado, mas para cuidar dos demais enfermos. Por isso, levantava-se e, sem ninguém ver, saía do leito para cuidar dos doentes, apesar de seu estado gravíssimo de saúde.

Faleceu no dia 14 de julho de 1614, como havia predito, aos 64 anos de idade. Deixou-nos como legado, além de seu exemplo de perseverança e doação, a Companhia dos Servidores dos Enfermos, fundada por ele e presente hoje em inúmeros países.

FRÉDÉRIC OZANAM

Frédéric nasceu no dia 23 de abril de 1813, na Itália, filho do médico Jean-Antoine e de Marie Ozanam, que também se dedicava à assistência dos pobres e enfermos.

Foi considerado um estudante brilhante e leitor insaciável e, aos dezessete anos, já falava várias línguas: grego, latim, italiano e alemão, tendo ainda iniciado um curso de hebraico e sânscrito.

Em decorrência de sua grande capacidade intelectual e influenciado negativamente pela crescente corrente racionalista da época, Ozanam não via possibilidade de união entre ciência e fé, tampouco via possibilidades de um homem da ciência se dizer alguém de fé.

Conta-se que um dia Ozanam teve um encontro que mudou o rumo de sua vida: viu um senhor rezando o terço. Incomodado com o exemplo do bom homem, observou-lhe que a fé era coisa para incultos e que pessoas da ciência jamais acreditariam em credices de oração. O homem respondeu que se ele pensava assim deveria entrar em contato com ele para conversarem pessoalmente sobre isso em outra oportunidade. Assim, estendeu o braço a Ozanam e lhe entregou um cartão de visitas.

Ao ler o cartão, Ozanam se deparou com o nome do sujeito: André-Marie Ampère, criador do primeiro telégrafo elétrico e de leis sobre a corrente elétrica que mudaram para sempre o mundo. Em sua homenagem foi dado o nome de ampère (símbolo: A) à unidade de medida da intensidade de corrente elétrica.

Como resultado deste magnífico encontro, Ozanam converte-se ao catolicismo.

Já em 1831, Frédéric chega a Paris e, em pouco tempo, começa a colaborar com jornais e revistas, dedicando-se à mediação de debates. Num deles, “vence” um socialista e fala sobre o seu anseio de fundar uma obra social católica para cuidar dos pobres.

Em 1833, com apenas vinte anos, Frédéric funda as Conferências de São Vicente de Paulo, os vicentinos, cuja ação se direciona ao contato pessoal, a fim de aliviar o sofrimento e promover a dignidade e a integridade do homem.

Os vicentinos levam ajuda a quantos dela precisam, independentemente de raça, cor, nacionalidade, credo político ou religioso e posição social.

Atualmente, as Conferências de São Vicente de Paulo estão presentes em 135 países, com um número aproximado de seiscentos mil membros, dos quais trezentos mil são do Brasil.

Anos depois da fundação dos vicentinos, em 1841, casa-se com Amélie Soulacroix, jovem francesa que se dedicava à filantropia e à caridade.

Infelizmente, contrariando ordens médicas, Ozanam não diminui a sua carga de trabalho, mantendo-se ativo em seus projetos apesar de enfermo. Isso o leva à morte na noite de 8 de setembro de 1853, em Marselha, rodeado dos seus entes queridos, depois de uma agonia longa e dolorosa.

MARCELINO CHAMPAGNAT

Marcelino nasceu em 20 de maio de 1789, em um povoado no qual predominava o analfabetismo.

Desde muito cedo, demonstrou-se sensibilizado à realidade que o cercava. Conta-se, por exemplo, que ele não quis mais voltar à escola após presenciar um aluno ser maltratado pelos professores. Assim, Marcelino se dedicou a trabalhar na granja dos pais.

Seu pai, homem trabalhador e virtuoso, lhe transmite a habilidade para os trabalhos manuais, o gosto pelo trabalho, o senso das responsabilidades e a abertura às ideias novas.

No ano de 1805, ainda semianalfabeto, Marcelino decide se tornar sacerdote. No seminário, conhece pessoas cujas vidas eram marcadas pela busca incansável da santidade. Dentre elas, uma o influenciou diretamente: João Maria Vianney – Cura d’Ars⁵.

Ao final de 1816, acontece um encontro que mudaria para sempre o futuro de Marcelino: ele é chamado às pressas à casa de um jovem de dezesseis anos, chamado João Batista Montagne, que estava a morrer sem nunca ter ouvido falar de Deus. Nos olhos daquele jovem, Marcelino percebeu o clamor de milhares de jovens que eram vítimas da pobreza humana e também espiritual.

Esse encontro fez que ele entrasse em ação e, em 2 de janeiro de 1817, reuniu seus primeiros discípulos e formou a Ordem dos Irmãos de Maristas, dedicada a ensinar o cristianismo a meninos pobres.

Os primeiros a serem tocados com os ensinamentos da Ordem foram jovens do campo. A eles, Marcelino transmitiu seu entusiasmo apostólico e educativo, vivendo entre eles, como um deles. Ensinou-os a ler, somar, subtrair e também a rezar.

Posteriormente, enviou alguns discípulos às casas de pobres povoados, a fim de ensinar os habitantes a religião e os primeiros princípios de leitura e escrita.

Entre 1817 e 1824, fundou uma escola primária no povoado de La Valla e utilizou-a também para o ensino da religião.

Durante os seus 51 anos de vida, trabalhou com afinco para criar uma grande família de educadores. Quando faleceu, em 6 de junho de 1840, a Ordem contava com 290 irmãos distribuídos em 48 escolas primárias.

Marcelino disse aos seus amigos pouco antes de dar o último suspiro: “Que haja entre vocês um só coração e um só espírito! Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: ‘Vejam como eles se amam!’”.

Atualmente, os maristas cuidam de inúmeras faculdades e escolas pelo Brasil e pelo mundo. As Pontifícias Universidades Católicas, por exemplo, são dirigidas pelos maristas, e parte da renda de algumas das universidades se destina a manter hospitais e obras sociais em cidades do Brasil.

ISABEL DE ARAGÃO

Isabel nasceu em uma família nobre, na cidade de Saragoça, Espanha. Ela era a filha mais velha do rei Pedro III, de Aragão, com Constança, da Sicília. Teve cinco irmãos, entre os quais os reis aragoneses Afonso III e Jaime I e outro monarca reinante, Frederico II, da Sicília.

Conhecida por sua beleza e suas virtudes, Isabel atraía a atenção de muitos pretendentes, que pediram aos seus pais a sua mão em casamento. Os pais escolheram o mais próximo, D. Dinis, herdeiro do trono de Portugal.

Com apenas doze anos, Isabel se casou com D. Dinis e passou a acompanhá-lo em suas viagens pelo país, conquistando a simpatia do povo. Em muitas delas, entregava dotes a pessoas pobres e educava os filhos de cavaleiros sem fortuna. Sua vida foi marcada por quatro virtudes fundamentais: a piedade, a caridade, a humildade e a inquietude pela paz.

Isabel deu ao rei dois filhos: Constância, futura rainha de Castela, e Afonso, herdeiro do trono de Portugal. Apesar de possuir muitas qualidades, as numerosas traições do marido humilhavam-na profundamente. Mas Isabel o perdoava e criava os filhos ilegítimos de Dinis com os seus.

Entre seus familiares, constantemente em luta, era a pacificadora, merecendo o apelido de *anjo da paz*. Desempenhou o papel de medianeira entre o rei e o seu irmão D. Afonso e entre o rei e o príncipe herdeiro. Por sua intervenção, foi assinada a paz em 1322. Assim, o papel da rainha foi importantíssimo, pois graças a ela o reino manteve-se unido e fortalecido. Exerceu também papel muito importante na pacificação de conflitos entre reinos cristãos, na intrincada política peninsular da Idade Média.

Após a morte de seu marido, entregou-se inteiramente às obras assistenciais que havia fundado. Viveu em profunda caridade, sendo sempre sensível às necessidades dos pobres e excluídos. Passou o resto da vida em pobreza voluntária, dedicada aos exercícios de piedade e de mortificações.

Contaminada por uma peste, Isabel faleceu em 4 de julho de 1336.

Em 1625, foi canonizada pelo Papa Urbano VIII, tornando-se popularmente conhecida como Rainha Santa Isabel.

DAMIÃO DE MOLOKAI

Certa vez, Gandhi⁶ deu um depoimento a respeito de Damião. Disse que o mundo político e jornalístico não têm figuras do tamanho e do valor da pessoa de Damião de Molokai.

É fato que Damião foi um ser humano exemplar. Por isso mesmo, a sua imagem está no *Statuary Hall* do Capitólio de Washington, nos Estados Unidos. A estátua do religioso, obra de um artista de Nova Iorque, encontra-se lá desde 1969.

Damião nasceu no dia 3 de janeiro de 1840, na Bélgica. Seu modo de ser e agir sofreu uma grande transformação aos 21 anos, quando viu uma palestra do bispo do Havaí, que expunha os problemas de uma ilha chamada Molokai. Nela, doentes de lepra eram exilados e abandonados por determinação do governo.

Damião, então, se sentiu muito tocado e se ofereceu para ajudar os enfermos. Ao chegar ao arquipélago, viu a situação deplorável da ilha. Os leprosos não tinham como trabalhar, roubavam-se entre si e se matavam por um punhado de arroz.

O primeiro passo dado por Damião foi recuperar o cemitério e enterrar os mortos. Depois, passou a se preocupar com as necessidades básicas e rotineiras da população. Com frequência ia à capital para comprar faixas, remédios, lençóis e roupas para todos. Neste meio tempo, sabiamente escrevia para o jornal local, relatando os terrores da ilha de Molokai.

As notícias se espalharam e abalaram o mundo. Como resultado, houve o surgimento de todo tipo de ajuda humanitária.

Um médico que contraíra a lepra ao cuidar dos doentes ouviu falar de Damião e viajou para a ilha a fim de ajudá-lo. Damião, então, pôde dedicar-se à construção de uma igreja de alvenaria, um pequeno hospital e dois aquedutos, que completavam a estrutura sanitária tão necessária à vida daquele povoado.

Conviveu durante dez anos com os leprosos sem, no entanto, contrair a doença, apesar dos constantes toques e beijos nos doentes. Até que, numa noite de 1884, Damião colocou o pé esquerdo numa bacia com água muito quente e se deu conta de que tinha também contraído a lepra. Faleceu em 1889, aos 49 anos.

A figura de Damião de Molokai é tão significativa na história missionária e na vida do povo do Havaí que, quando se tratou de indicar um símbolo do novo Estado que estava se formando, sua pessoa foi lembrada.

Padre Damião foi canonizado em 2009. Sua festa litúrgica é comemorada em 15 de abril.

ANNE VAN DER BIJL

Esta é a história de Anne van der Bijl, um menino holandês nascido em 1928 que mais tarde viria a ser conhecido como irmão André.

Desde menino, Anne gostava de fantasiar em ser um espião. Em suas brincadeiras, entrava em muitos territórios inimigos. Incrivelmente, a brincadeira de criança se tornou real quando, na década de 50, começou a contrabandear Bíblias para países da Europa que viviam sob o regime comunista⁷.

Inicialmente, irmão André começou a ajudar uma igreja cristã remanescente na Polônia, a qual carecia de Bíblias. Depois, começou a distribuí-las em outros países. Esse incrível homem de fé enchia o seu carro de Bíblias, panfletos e impressos, a fim de alimentar espiritualmente os perseguidos pelo comunismo. Estima-se que irmão André tenha percorrido mais de trezentos mil quilômetros levando esse material.

Em 1955, fundou uma organização mundial chamada Missões Portas Abertas, que, atualmente, está presente em cinquenta países, inclusive no Brasil, onde a casa de missão da organização foi fundada em 1978.

Em 1981, a missão mundial Portas Abertas entregou em um só dia um milhão de Bíblias na China comunista.

Embora fornecer Bíblias seja o foco principal da missão, os missionários também oram pela libertação de povos, treinam líderes cristãos e frequentemente ajudam os cristãos perseguidos com alimentos e remédios.

Segundo o site oficial das missões Portas Abertas⁸,

Nos últimos anos, a paixão do irmão André pelo Oriente Médio tem aumentado devido à diminuição da Igreja lá e da apatia em alcançar os muçulmanos. Suas amizades e o amor de Deus deram a oportunidade de André se reunir com Yasser Arafat e com líderes do Hamas e do Hizbollah. Ele está entre os poucos líderes do Ocidente que vai regularmente a esses grupos como embaixador de Cristo.

WERENFRIED VAN STRAATEN

Nascido em 13 de janeiro de 1913, Werenfried van Straaten queria ser professor. Para tanto, inscreveu-se à Universidade de Utrecht, Holanda, em 1932.

Em 1934, decide seguir para o seminário, tornando-se padre.

Em 1947, escreve um artigo que chama a atenção de todos por solicitar aos fiéis ajuda aos mais de catorze milhões de alemães que estavam desalojados ao final da Segunda Guerra Mundial. Dentre eles, seis milhões eram católicos romanos.

A situação pós-guerra era realmente caótica: desnutrição, falta de remédios, cuidados médicos e moradias, já que muitas haviam sido destruídas durante o conflito.

Felizmente, a resposta da população ao pedido de ajuda foi extremamente generosa. Devido aos constantes apelos aos fazendeiros ricos por doação de carne, o padre ganhou o apelido de “padre toucinho”. O mais importante, no entanto, é que mais uma vez seus apelos funcionaram, e a fome de milhares de pessoas foi saciada com as doações recebidas. Este trabalho inicial levou à formação da Ajuda à Igreja que Sofre, sediada em Königstein, Alemanha.

Anos mais tarde, o padre se manifestou energicamente a respeito do aborto na Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América, declarando-se contra em qualquer situação.

Werenfried morreu em 31 de janeiro de 2003, em Bad Soden, Alemanha, aos 90 anos de idade. Apesar disso, o trabalho iniciado por ele não parou. A entidade fundada por ele, sediada em Königstein im Taunus, Alemanha, leva socorro aos fiéis violados na sua liberdade religiosa ou com problemas financeiros.

Atualmente, a AIS tem sedes nacionais em dezessete países – Áustria, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Holanda, Polônia, Portugal, Espanha, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos da América – e oferece ajuda a mais de 145 países do mundo. Desenvolve, ainda, mais de cinco mil projetos, entre os quais: formação para seminaristas e noviças; construção de igrejas, seminários e conventos; bolsas de estudos para sacerdotes e freiras; sustento à rádio e emissoras televisivas; fornecimento de meios de transporte para a pastoral; difusão de textos religiosos, Bíblias e catecismos; sustento a mosteiros de clausura, sacerdotes necessitados, catequistas, famílias em dificuldades, refugiados e deslocados etc.

A fundação apoiou em 2008 a formação de mais de dezessete mil seminaristas, o que corresponde a um em cada sete seminaristas por todo o mundo. O apoio se dá

principalmente no fornecimento de alimentação regular, vestuário, livros e um lugar decente para preparação digna de bons pastores⁹.

BILLY GRAHAM

William Franklin Graham Jr., mais conhecido como Billy Graham, nasceu em 7 de novembro de 1918, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Cresceu num sítio onde eram criados gados leiteiros e viveu a Grande Depressão, também conhecida como Crise Econômica de 1929¹⁰. Trabalhava duro e ainda se dedicava com afinco à leitura de livros variados.

De morador de sítio, tornou-se um caixeiro-viajante; depois, vendedor porta a porta de escovas. Após se graduar em Wheaton, Graham tornou-se cofundador da *Youth for Christ* ([Mocidade para Cristo](#)), o que o levou a viajar como evangelista pelos [Estados Unidos](#) e pela [Europa](#). Assim, tornou-se um grande evangelizador.

Estima-se que este pastor batista tenha levado mais de um milhão de pessoas à conversão ao cristianismo. Assim como os demais personagens deste livro, é praticamente impossível falar de seus feitos em poucas páginas.

Billy Graham casou-se com Ruth Bell, filha de missionários na China, e ficou conhecido pela coragem e por acreditar no impossível. Chegou a fazer cruzadas evangélicas em lugares considerados muito difíceis. Durante a Guerra Fria, por exemplo, Graham falava a grandes multidões em países da Europa Oriental e na União Soviética.

Graham influenciou cultos e incultos, chefes de Estado e aborígenes, executivos e nômades, prisioneiros e autores. Amigo pessoal de Martin Luther King, sempre pregou o respeito e o amor mútuos entre brancos e negros. Foi conselheiro pessoal de alguns presidentes norte-americanos e é regularmente citado pelas Organizações Gallup com um dos dez homens mais admirados do mundo.

Suas pregações atraem milhares de pessoas. Para se ter uma ideia, ele atraiu cerca de dois milhões de jovens em plena Nova Iorque.

Graham tem um ministério mundial em TV, livros, rádios e comerciais em horário nobre. Sobre sua presença em diversos meios, ele diz: “Meu objetivo de vida é ajudar as pessoas a encontrarem uma relação pessoal com Deus, que creio vir pelo conhecimento de Cristo”. E Graham faz isto em todas as oportunidades que tem.

Conta-se que certa vez foi convidado para um jantar em Tóquio. Ao chegar, percebeu que estava sentado ao lado do príncipe do Japão. Então, a primeira coisa que ele disse ao príncipe foi:

– O que você pensa de Jesus Cristo?

Devido à idade avançada e convivendo com o mal de Parkinson há mais de quinze anos, osteoporose e outras doenças, Graham não está mais atuante no ministério, o qual entregou para o seu filho mais velho, Franklin Graham.

MAXIMILIANO KOLBE

Rajmund Kolbe, filho de Julio Kolbe e Maria Dabrowska, nasceu em 8 de janeiro de 1894, em Zdunska Wola, perto de Lódz, na Polônia. Com apenas treze anos, sentiu o chamado para ser sacerdote. Foi doutor em filosofia e em teologia.

Era um homem arrojado. Sem um tostão no bolso, teve a coragem de criar uma revista evangelizadora, a qual, extraordinariamente, chegou a ter um milhão de exemplares em circulação.

Em setembro de 1939, ele e alguns amigos foram capturados e levados para campos de concentração. Foram soltos no mesmo ano, mas é sabido que os nazistas gostavam particularmente de maltratar padres e judeus.

A Gestapo¹¹ permitiu uma impressão final de sua revista em dezembro de 1940 somente para incriminá-lo. Em maio de 1941, Maximiliano foi levado ao campo de extermínio de Auschwitz, onde morreram milhares de pessoas.

Certo dia, no campo de concentração, um chefe militar notou que Maximiliano vestia um hábito. Então, aproximou-se dele, tomou seu crucifixo e com um tom de desdém lhe perguntou:

– E você acredita nisto?

– Creio, sim – respondeu de imediato.

O militar lhe deu uma bofetada na cara.

A cena se repetiu por ainda três vezes. A mesma pergunta, a mesma resposta e a mesma reação violenta.

Kolbe ensinava os prisioneiros a confiarem em Deus, a perdoarem seus agressores e a orarem por eles.

Ele voluntariamente sempre comia por último e, mesmo com tuberculose, fazia questão de ser o último atendido na enfermaria.

Costumava repetir a seguinte frase: “O ódio não é a força criativa; a força criativa é o amor”.

Um dia, um prisioneiro escapou com sucesso da mesma ala onde o padre Kolbe estava. Em retaliação e para evitar futuras fugas, os nazistas anunciaram que matariam dez pessoas, escolhidas aleatoriamente. Estas pessoas morreriam de fome e de sede.

Um dos escolhidos foi o sargento Franciszek Gajowniczek, que ao ser chamado começou a clamar por misericórdia, explicando que tinha mulher e filhos. Então, o

prisioneiro de número 16.670 deu um passo à frente, dizendo que morreria no lugar daquele homem. O sujeito, que foi chamado de louco e escandalizou a todos com seu exemplo, era o padre Kolbe.

Os dez prisioneiros nus foram enviados a uma sala escura, suja e úmida. Nos primeiros dez dias, Maximiliano convidou os presos a orarem e cantarem hinos. Ele os consolou à medida que cada um se aproximava da morte.

Após dez dias, ele ainda estava vivo, por isso acabou recebendo uma injeção letal. Assim, morria Kolbe, no dia 14 de agosto de 1941.

ZILDA ARNS

Sabemos que a força propulsora da transformação social está na prática do maior de todos os mandamentos da Lei de Deus: o Amor, expressado na solidariedade fraterna, capaz de mover montanhas. “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos” significa trabalhar pela inclusão social, fruto da Justiça; significa não ter preconceitos, aplicar nossos melhores talentos em favor da vida plena, prioritariamente daqueles que mais necessitam. Somar esforços para alcançar os objetivos, servir com humildade e misericórdia, sem perder a própria identidade (Declaração de Zilda Arns em seu último discurso no Haiti).

Zilda Arns nasceu no dia 25 de agosto de 1934, em Forquilha, Santa Catarina. Em 26 de dezembro de 1959, casou-se com Aloísio Bruno Neumann (1931-1978), com quem teve seis filhos: Marcelo (falecido três dias após o parto), Rubens, Nelson, Heloísa, Rogério e Silvia (que faleceu em 2003 num acidente automobilístico). Zilda Arns era avó de dez netos.

Formou-se em medicina pela UFPR, especializou-se em saúde pública, pediatria e sanitário. Com o coração no Evangelho, seu olhar voltou-se para as crianças pobres: queria salvá-las da alta mortalidade infantil e protegê-las da violência em casa e na comunidade.

Zilda era uma apóstola do amor e usou a educação como arma para combater as doenças e a marginalização das crianças.

Criou uma metodologia baseada no Evangelho para multiplicar o conhecimento e espalhar a solidariedade entre as crianças e famílias mais pobres. Sua práxis está baseada na passagem bíblica em que Jesus multiplica cinco pães e dois peixes a partir da partilha de um menino (cf. Jo 6,9).

Para Zilda, a solução dos problemas da sociedade passa pela solidariedade e partilha.

Não era uma teórica, mas uma pessoa prática. Trabalhou diariamente como médica pediatra do Hospital de Crianças César Pernetta, em Curitiba, e, mais tarde, como diretora de Saúde Materno-Infantil da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná.

Sempre com o coração voltado para os mais pobres e com muita experiência de vida, em 1980 foi convidada pelo Governo do Estado do Paraná a coordenar a campanha de vacinação Sabin para combater a primeira epidemia de poliomielite; a campanha começou em União da Vitória, e o método fez tanto sucesso que foi adotado pelo Ministério da Saúde. Foi justamente nesse ano que Zilda foi convidada a dirigir o Departamento Materno-Infantil da Secretaria de Saúde do mesmo Estado. Também nesse ano, ela instituiu os programas de planejamento familiar, de prevenção ao câncer

ginecológico, de saúde escolar e de aleitamento materno, com sucesso absoluto.

Mas o seu coração estava sempre nas crianças:

Creemos que a transformação social exige um investimento máximo de esforços para o desenvolvimento integral das crianças. Este desenvolvimento começa quando a criança se encontra ainda no ventre sagrado da sua mãe. As crianças, quando estão bem cuidadas, são sementes de paz e esperança. Não existe ser humano mais perfeito, mais justo, mais solidário e sem preconceitos que as crianças.

Por sua dedicação às crianças, em 1983, a pedido da CNBB, criou a Pastoral da Criança, juntamente com o presidente da CNBB, Dom Geraldo Majella, Cardeal Agnelo, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil.

Ainda em 1983, criou um projeto piloto em Florestópolis e, após 25 anos de trabalho, a pastoral acompanhou 1.816.261 de crianças menores de seis anos e 1.407.743 de famílias pobres em 4.060 municípios brasileiros.

Mas Zilda Arns queria mais e, para multiplicar o saber e a solidariedade, criou três instrumentos: visita domiciliar às famílias, o dia da Celebração da Vida e uma reunião mensal para avaliação e reflexão.

Por fazer tudo com tanto amor e dedicação, em 2004 recebeu da CNBB outra missão semelhante: fundar e coordenar a Pastoral da Pessoa Idosa, que hoje acompanha mais de cem mil idosos mensalmente e conta com catorze mil voluntários de 579 municípios de 141 dioceses de 25 estados brasileiros.

Avó e mãe, tinha tempo para coordenar a Pastoral da Pessoa Idosa e também para coordenar a Pastoral Internacional da Criança, além de participar como representante titular da CNBB no Conselho Nacional de Saúde e como membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES).

No dia 14 de janeiro de 2010, o senador Flávio Arns (PSDB-PR), seu sobrinho, divulgou uma nota sobre as circunstâncias da morte da médica:

A Dra. Zilda estava em uma igreja, onde proferiu uma palestra para cerca de 150 pessoas. Ela já tinha acabado seu discurso e estava conversando com um sacerdote, que queria mais informações sobre o trabalho da Pastoral da Criança. De repente, começou o tremor. O padre que estava conversando com ela deu um passo para o lado, e a Dra. Zilda recuou um passo e foi atingida diretamente na cabeça quando o teto desabou. Ela morreu na hora. A Dra. Zilda não ficou soterrada. O resto do corpo não sofreu ferimentos, somente a cabeça foi atingida. O sacerdote que conversava com ela sobreviveu. Já outros quinze sacerdotes que estavam próximos a ela faleceram.

O Brasil perdeu a apóstola da solidariedade. Seu enterro foi em Curitiba e contou com a presença do presidente da República da época, Luiz Inácio Lula da Silva.

Na ocasião da notícia, o presidente da OAB, Cezar Britto, comparou a doutora Zilda Arns à Madre Teresa de Calcutá e à Irmã Dulce. Em suas palavras, ele declarou:

A morte de Zilda Arns, em plena ação missionária, no Haiti, tem a dimensão trágica e poética do artista

que morre em cena. Dedicou toda a sua vida de médica sanitária à causa dos desvalidos. Sacrificou a perspectiva de uma vida regular e confortável, que sua qualificação profissional lhe permitia, ao nobre ideal de submeter-se ao mandamento cristão de amar ao próximo como a si mesmo.

FAMÍLIA TEN BOOM

Em Haarlem, Holanda, morava a família ten Boom. Tinham uma vida tranquila, viviam em harmonia, sempre se dedicando à leitura da Bíblia. Corrie e sua irmã Betsie ten Boom ministravam cursos bíblicos, tinham boa fluência em três línguas e cuidavam de crianças portadoras de necessidades especiais.

Na primavera de 1940, a tranquila família tem sua história manchada de sangue: o nazismo invade a Holanda, que deixa de ser uma nação livre. A família de Corrie, assim como a de muitos outros holandeses, passa a ser oprimida e vigiada e tem seus aparelhos de rádio confiscados pelos nazistas.

A perseguição aos judeus foi impiedosa: foi-lhes colocada no peito uma estrela para identificação; seus pertences foram saqueados; perderam suas casas e não conseguiam andar na rua sem ser maltratados.

A família ten Boom mostrou, desde o começo, de que lado estava. O Sr. ten Boom, em solidariedade ao povo judeu, colocou a estrela em seu peito. Mas o grande feito ainda estava por vir: a família construiu uma parede de fundo falso em sua casa para esconder os judeus. Para isso, criaram um código para conversarem entre si e treinaram seus amigos sobre como deveriam chegar à casa, a fim de não despertar suspeitas.

A pressão era grande e eles eram muito vigiados. Um pastor os censurou abertamente, dizendo-lhes que poderiam ser presos e que não era certo desobedecer à lei, porém a família ten Boom preferia obedecer à Lei de Deus do que a lei dos homens.

Neste ínterim, Corrie tem a oportunidade de entregar uma pessoa que denunciava os judeus, mas ela não o faz, pois não quer sangue em suas mãos. Porém, nem todos têm o coração puro como o dela. Certa vez, um homem pediu seiscentos florins (moeda local) a Corrie, a fim de subornar um soldado, alegando que sua esposa judia estava presa. O que Corrie não podia imaginar era que se tratava de uma cilada: ela foi delatada por ele, que trouxe consigo a Gestapo. Eles invadiram a casa, mas os judeus conseguiram se esconder e não foram encontrados. Os cupons de comida que haviam guardado para entregar aos prisioneiros, porém, acabaram por “testemunhar” contra eles.

A família ten Boom foi presa, inclusive tios e sobrinhos, totalizando seis pessoas. Enquanto estavam sendo presos, um dos soldados perguntou: “Só tem vocês seis?” Então, o Sr. ten Boom respondeu: “Seis não, sete, Deus está conosco!”

No campo de concentração a família foi separada.

Corrie conseguiu entrar com uma pequena Bíblia, que serviu de alimento para sua

alma; ela a lia todos os dias. A menina tinha uma fé impressionante que intrigava os não cristãos.

Quando ficou doente, uma pessoa chegou a lhe dizer: “Você acha que pode sobreviver orando, mas só um há jeito de viver aqui: odiando!”. Porém, ódio era uma palavra que não cabia no dicionário daquela família.

Quando seu pai morreu, perguntaram para Corrie: “Como você pode crer em um Deus que deixa seu pai, um velho, morrer na prisão e ser sepultado numa vala?”. Corrie não tinha resposta, mas acreditava que Deus tinha um propósito para tudo aquilo.

Ao ser transferida para outro centro de concentração, em Ravensbrück, reencontra sua irmã, Betsie. Neste novo campo, elas perdem todos os seus objetos pessoais, inclusive suas roupas, porém Corrie consegue permanecer com a Bíblia.

Betsie e Corrie levantavam todos os dias às 4h30 da manhã. A comida era racionada, por isso só comiam duzentos gramas de pão e meio litro de sopa por dia. O sofrimento era tanto que Corrie começou a questionar Betsie: “Por que agradecer ao Senhor pela comida?”. Betsie, com o seu coração cheio de amor, respondia-lhe: “A sopa é quente e nós estamos juntas!”.

Muitas vezes, elas falaram do amor de Deus no campo de concentração. Betsie falava do Céu e orava pelo povo nazista. Ela conseguia, em meio à tragédia, enxergar sempre algo de bom e agradecia por cada detalhe!

Já Corrie estava extremamente debilitada. Certo dia, ao ver Betsie apanhar de uma soldada, o ódio tomou conta do seu coração. Betsie, porém, lhe disse: “Corrie, sem ódio, sem ódio”.

Corrie, porém, passou a desejar a morte da soldada alemã. Até que percebeu que estava esmorecendo e entrou em desespero. Orou: “Não quero ser assim, transforma-me, Senhor”.

Betsie estava fraca e não conseguia se levantar, tampouco comer. Apesar disso, teve um sonho e disse à sua irmã: “Corrie, vamos ser libertas antes do ano novo, o Senhor me mostrou nós duas juntas”.

Betsie piorava a cada dia. Ao seguir para o hospital, lá morreu.

O pai e a sua filha Betsie deram a vida por aqueles judeus que esconderam em sua casa.

Corrie ten Boom foi liberta em 28 de dezembro de 1944, por um erro administrativo, dois dias após a morte da irmã. Elas, de fato, saíram juntas, antes do ano novo, como sonhara Betsie: uma para o Céu e outra para falar do Céu.

Corrie ten Boom percorreu o mundo pregando o Evangelho em mais de sessenta países, dizendo que o bem vence o mal e o melhor de Deus está por vir!

CARL VON OSSIETZKY

Carl Von Ossietzky soube, mais do que ninguém, usar a letra em favor da vida e da paz. Nascido em 1889, Carl era um jornalista antinazista alemão; inteligentíssimo, republicano liberal, sempre se colocava contra qualquer tipo de guerra. Foi um dos poucos intelectuais que tiveram a ousadia de se levantar contra Hitler dentro da Alemanha. Por sua postura, foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz em 1935.

Carl era um homem de iniciativa, um intelectual que com apenas dezessete anos foi contratado como funcionário da administração local da justiça, em Hamburgo. Em pouco tempo, descobriu o desejo mais profundo do seu coração, que lhe deu sentido à vida: o jornalismo. Usou dele para mostrar ao mundo suas preocupações intelectuais e ideológicas.

Sua escrita tornou-se sua arma em favor da paz, e no popular Livre – órgão do partido União Democrática – publicou seus primeiros textos, com críticas profundas contra o militarismo.

Apesar da saúde instável, foi convocado, em junho de 1916, para lutar pela Alemanha na primeira Guerra Mundial. Neste período, Carl presenciou o imenso sofrimento causado pela guerra: gente inocente perdia a vida, pais e mães choravam a morte de seus filhos etc. Sua vida foi, definitivamente, marcada por esse grande sofrimento e, por isso, ele se tornou um pacifista convicto e determinado.

Após a guerra, regressou a Hamburgo, tornou-se presidente da Sociedade Alemã Pacifista em sua cidade natal, referência na causa antimilitarista e, em 1922, ajudou a fundar a organização Guerra Nunca Mais. Era um incansável trabalhador pela paz e importante formador de opinião.

Foi com a mudança para Berlim, para ocupar o secretariado nacional da cidade, que o seu trabalho começou a ganhar notoriedade. Em 1 de janeiro de 1920, foi publicada a primeira edição da *Folha Mensal*, na qual ele passou a usar o pseudônimo de Thomas Murner (emprestado do poeta satírico alemão de mesmo nome) para assinar suas contribuições na impressão.

Não satisfeito com seu trabalho nos escritórios da sociedade pacifista alemã, aceitou o cargo de editor de estrangeiros na equipe do *Berliner Volkszeitung*, um jornal cuja política editorial era apartidária, democrática e antiguerra. Nele pôde manifestar sua profunda preocupação com a paz no mundo.

Posteriormente, Ossietzky tornou-se o editor do *Weltbühne*, um semanário político

liberal que dava vozes aos intelectuais da esquerda germânica. Armado com sua ousadia, lançou um olhar inteligente sobre a realidade e publicou uma série de artigos acusando o exército alemão de estar rearmando-se em segredo e violando o Tratado de Versalhes¹². Como ele era o editor responsável, foi julgado por difamação, considerado culpado e sentenciado a um mês de prisão.

Recusando-se a ser intimidado, continuou publicando suas críticas de oposição ao rearmamento secreto alemão. Carl queria transformar a realidade, levando o povo a pensar, despertando sua consciência!

O governo queria calar a sua voz e não tardou em responder: em agosto de 1929, Ossietzky foi acusado de traição e levado aos tribunais. Foi julgado e condenado a dezoito meses na prisão de Spandau, Alemanha, porém foi liberado depois de sete meses na anistia do Natal de 1932.

Retomou a redação e a sua oposição ao militarismo alemão e ao extremismo político. As sementes do nazismo estavam sendo lançadas, e Ossietzky queria levar o povo a pensar e não se deixar massificar, a não aceitar a ideologia nazista, que pregava que a raça alemã era superior à dos outros homens.

Ele não aceitou este maniqueísmo simplista e esquizofrênico que divide a sociedade em bons e maus, e suas ideias tomaram notoriedade. Ele não hesitava em “colocar o dedo” na ferida narcisista alemã.

Ossietzky era um homem à frente de seu tempo, e o que ele previa tornou-se realidade: em 1933, Adolf Hitler tornou-se o chanceler da Alemanha e colocou tudo a serviço do nazismo. Os escritores foram instrumentalizados pelo nazismo, acabando com toda divergência e oposição ao regime e à ideologia nazista. Mas existiam vozes que não se calavam, entre elas estava a de Carl Ossietzky.

Não podendo fugir a tempo, como fizeram outros intelectuais alemães, novamente foi preso e enviado a um acampamento de concentração.

Depois de suportar três anos de encarceramento e tortura, foi transferido para um hospital de prisão em Berlim. Sua prisão ganhou publicidade internacional, e neste período foi premiado com o Nobel da Paz, porém, o governo nazista o impediu de deixar a Alemanha para receber o prêmio. Embora dissessem que ele estava livre para viajar e participar da cerimônia, seus documentos foram retidos pela polícia secreta.

Hitler considerou uma afronta a atribuição deste Nobel ao jornalista dissidente e expediu um decreto proibindo todos os alemães de receberem tal honraria.

Muito doente, Carl foi internado em um sanatório privado para tratar sua tuberculose, mas sua sala esteve sob vigilância até o dia da sua morte, em Berlim, aos 49 anos.

Em memória de Carl Von Ossietzky, várias instituições em seu país levam o seu nome, inclusive a importante universidade de Oldenburg, na Alemanha.

Tentaram calar sua voz, mas sua vida fala até hoje: paz!

JORGE MÜLLER

Jorge Müller nasceu em 1805, no seio de uma família não cristã.

Müller, ainda muito jovem, foi para a universidade, com o intuito de se preparar para ser um profissional do altar. Porém, seu desejo não era verdadeiramente levar a Palavra de Deus, mas ter uma vida cômoda. Era isso que o inspirava.

Havia conflitos no coração de Müller que o levaram a travar uma luta interior: por um lado, estava focado em ser pregador do Evangelho, estudava muito, levantava às 4h00 da manhã e estudava até às 22h00; por outro lado, durante os seus primeiros anos de estudo, se entregou ao vício, chegando a ser preso e assim permanecendo por 24 dias.

Aos vinte anos, ele participa de um culto de oração, no qual presencia pessoas de joelhos, totalmente entregues, buscando a presença de Deus. Aquela atmosfera espiritual transformou radicalmente sua vida. A partir desse dia, Jorge Müller torna-se um homem de oração! Abandona a vida de vícios, faz da Bíblia o livro de sua vida, fonte de seu segredo e inspiração. Releu-a mais de duzentas vezes.

Acordava todos os dias às 6h00 para orar e, muitas vezes, orava com os amigos até a meia-noite. Orava constantemente, quando andava, se deitava... Estava sempre orando!

Nesta mesma época, ele sentiu dois chamados: um para ser missionário e outro para fundar um orfanato, totalmente gratuito, confiando que Deus iria suprir-lhe todas as necessidades. Assim, abriu mão do salário fixo que recebia da igreja e parou de guardar dinheiro, pois achava que deveria confiar em Deus e não em quanto tinha guardado.

Jorge Müller colocou uma caixa no altar para que, durante o culto, as pessoas pudessem depositar ali a sua oferta, porém nunca pediu dinheiro. Se enfrentava algum problema financeiro, nada falava aos fiéis, somente orava a Deus e esperava que Ele suprisse todas as suas necessidades.

Passou por muitas dificuldades nos primeiros anos, inclusive para pagar aluguel, e acabou se endividando. Müller, então, tem outra inspiração: jamais voltaria a se endividar, pois só gastaria aquilo que possuía.

Para um investidor, isso parece uma loucura, mas ele o fez! Foi caminhando sem pedir dinheiro para ninguém, confiando apenas naquilo que Deus proveria.

Certo dia, ao andar por uma rua, foi profundamente tocado pelo estado dos órfãos e das pobres crianças que ali moravam. Começou a recolhê-las e a cuidar delas. Logo passou a ter quarenta crianças para cuidar.

Enquanto isso, sua obra crescia e ele confiava no Senhor, e não se endividava!

Jorge orava, e Deus mandava pessoas qualificadas que se juntavam a ele para cuidar das crianças; orava, e Deus mandava pessoas de posse que o ajudaram a adquirir uma casa para os órfãos. Müller ganhou todos os móveis, comida, roupas.

Por meio da providência de Deus, alugou uma casa e criou um orfanato feminino; depois alugou uma segunda casa para os meninos.

Além de cuidar dos orfanatos e das crianças de rua, pastoreava uma igreja com quatrocentos membros. Assim, foi ficando sem tempo para orar. Foi aí que percebeu que uma pessoa podia fazer mais em quatro horas depois de uma hora de oração do que em cinco horas sem oração.

Jorge alimentava dois mil órfãos e nenhuma refeição era dada com atraso. Nunca se recusou em aceitar uma criança no orfanato!

Construiu cinco prédios, situados em Ashley Hill, Inglaterra, que podem acomodar duas mil pessoas. Nesses prédios, alimentou diariamente milhares de crianças, sustentou 189 missionários e 100 colégios.

Não suficiente, aos 69 anos de idade realiza uma maratona evangelística e percorre 42 nações, transformando cada lugar por onde passa.

Morre aos 93 anos, em meio a uma vitalidade extraordinária. Os jornais britânicos publicaram: “Os orfanatos de Jorge Müller, em Bristol, permanecem como uma das maravilhas do mundo”.

PASTOR DAVID WILKERSON

Este gigante da fé nasceu em Indiana, Estados Unidos, em 1931. Sua história mudou de maneira radical quando ele e a esposa, que moravam na Pensilvânia, viram uma capa da revista *Time* na qual figurava uma reportagem sobre assassinatos de jovens em Nova Iorque. Neste momento, Wilkerson decidiu mudar-se para lá, o que fez em 1959.

Contando apenas com a sua coragem, um veículo e pouco dinheiro, mas com muita fé, o pastor David começou a pregar no Brooklyn, onde, a princípio, encontrou dificuldades de diversos níveis: foi ameaçado inúmeras vezes e, por pregar para meninas que se prostituíam pelas drogas e por defender a libertação do vício por meio da entrega da vida a Jesus Cristo, causou revolta em traficantes, especialmente nas duas maiores gangues distribuidoras de drogas da região: *Mau Maus* e os *Bishops*.

Certo dia, em um momento de manifestação do poder do Espírito Santo, quando pregava sobre como Deus pode mudar radicalmente uma pessoa, Wilkerson foi surpreendido pela aproximação de um dos líderes mais temidos das gangues: Nicky Cruz, que, empunhando uma arma e enfurecido, ordenava que o pastor parasse de pregar. Nicky era conhecido pelos inúmeros assassinatos que cometera e pelas violências que praticava, entre elas, lixar o rosto de seus adversários no chão.

Ameaçando o pastor, Nicky disse que ali de nada valia o poder de Deus, somente importava o poder das gangues, das armas e dos homens. Ele ordenou que o pastor fosse embora e nunca mais voltasse e que os membros de sua gangue não dessem ouvidos àquele homem.

Depois, convidou alguns de seus amigos para usar drogas e encontrar com algumas mulheres em um porão onde costumavam ficar.

Quinze minutos após terem chegado ao lugar, o ousado pastor Wilkerson abriu a porta e entrou sem permissão. Perguntou onde estava Nicky, e um dos seus comparsas, acendendo a luz, indicou-lhe o rapaz.

Vendo-o, o traficante perguntou o que ele queria, e David respondeu que queria ser seu amigo, ao que Nicky respondeu que não queria, enquanto o pastor, a despeito da resposta, se aproximava.

Nicky, contrariado, afirmou categoricamente que se ele desse mais um passo, sacaria sua arma e estouraria seus miolos. Wilkerson hesitou por um instante, mas não parou e, indo em direção ao jovem, levantou a mão para cumprimentá-lo e convidou-o a apertá-la.

No lugar de um aperto de mão, David Wilkerson recebeu um soco na cara. Em seguida, agarrado pela jaqueta, recebeu também um cuspe no rosto, foi arremessado contra a parede e ofendido.

O pastor continuou apanhando ininterruptamente, até que alguém segurou Nicky Cruz e pediu-lhe que parasse, pois aquele homem era uma espécie de sacerdote.

Revoltado, Nicky se virou e foi em direção à porta, mas, antes de abri-la, escutou o pastor gritar em alta voz:

– Espere um pouco, quero dizer-lhe algo antes de você sair!

– O que é? – ele virou-se para o pastor.

– Jesus ama muito você – respondeu Wilkerson.

Então, chorando, o pastor colocou as mãos na cabeça do traficante e começou a orar. Nicky, que nunca ouvira coisa semelhante, foi profundamente tocado pela força da oração e pelas palavras de Wilkerson.

– Senhor, Você sabe que há duas semanas tenho orado dia e noite por Nicky, para que ele não seja assassinado, para que possa ouvir o Evangelho e para que se junte a nós. Estou sozinho, Senhor, mas estou orando por ele. Não há poder humano que possa mudá-lo; não há truque nem mágica. Senhor, estou com medo, mas peço-Lhe que desça e toque a vida de Nicky Cruz, para que ele veja o quanto o Senhor o ama. Ele está aqui, e preciso acreditar que o Senhor pode fazer este milagre.

Ouvindo isso, Nicky teve vontade de chorar, mas, por seu orgulho, manteve-se firme, e agarrando as mãos de Wilkerson, as tirou de perto de si. Ordenou, então, ao pastor que se afastasse e que sua gangue saísse com ele, imediatamente, dali. Mas, ao virar-se para seus comparsas, viu Willy, um jovem aleijado, ajoelhado, chorando sem parar. Willy tentava rezar, mas não conseguia, então falava o nome de Jesus repetidamente, enquanto batia no próprio peito. Dois outros jovens, ao lado dele, começaram a chorar copiosamente, e Nicky, confuso, dirigiu-se a um amigo chamado Israel. Chacoalhando-o, perguntou-lhe o que estava acontecendo, ao que Israel, também em prantos, respondeu:

– Nicky, entreguei minha vida para Jesus!

Nicky, então, começou a se dirigir a Deus, dizendo que se Ele realmente o amava que o fizesse experimentar esse amor. Tocado profundamente pelo Espírito Santo, Nicky sentiu sair dele um peso extraordinário; de acordo com ele, começou a sentir-se leve, e uma paz que nunca sentira o invadiu. Ficou ali, ajoelhado, rindo e chorando, e, após alguns minutos, levantou-se e dirigiu-se ao pastor Wilkerson:

– Sim, Wilkerson, agora eu sei: Jesus me ama, Jesus me ama!

Wilkerson montou mais de quinhentos centros de recuperação para drogados, nos

quais a taxa de recuperação chegou, em média, aos extraordinários 86%. Até os 79 anos, o incansável Wilkerson andava pelas ruas de Manhattan, pregando o Evangelho a pessoas desesperançadas. Morreu em 2011, vítima de um acidente de carro.

Seu livro *A cruz e o punhal* foi lido por mais de 50 milhões de pessoas em todo o mundo, e a história de sua vida deu a origem a um filme com o mesmo título.

PADRE JOSEPH EDWARD FLANAGAN

Flanagan nasceu em 1886, na Irlanda, mas em 1904 imigrou para os Estados Unidos, onde entrou para o seminário. Em 1912, foi ordenado sacerdote, e desde o início de seu ministério preocupou-se com as pessoas rejeitadas socialmente. Em 1917, fundou uma casa para trabalhadores que estavam sem emprego, contudo, acabou chegando à conclusão de que seria mais eficaz resgatar a juventude.

Padre Flanagan, como ficou conhecido, presenciou a dura situação de jovens que saqueavam e roubavam e que acabavam, invariavelmente, virando criminosos.

Diante disso, resolveu fundar, mesmo que com poucos recursos, uma casa para cuidar de adolescentes e jovens delinquentes. Com a ajuda de pequenos comerciantes, alugou uma casa e, fazendo pedidos a amigos, procurou arrecadar móveis e utensílios domésticos.

A princípio, a casa tinha apenas cinco moradores: três vieram dos tribunais e dois haviam sido recolhidos diretamente da rua.

Aos poucos, com o crescimento da obra e a mudança positiva dos meninos, padre Flanagan decidiu ampliar o campo de atuação e literalmente fundou uma cidade para esses meninos. Esta cidade foi projetada em um grande terreno, no qual foram construídos um mercado, praças, escola, quadras esportivas e uma igreja. Muitos dos meninos abrigados pelo padre se tornaram cidadãos brilhantes e bem-sucedidos nos Estados Unidos.

Após a Segunda Guerra Mundial, padre Flanagan foi chamado a vários países para estudar e organizar o resgate social de crianças e jovens afetados pelo conflito. Fez um importante trabalho no Japão e nas Filipinas, e seus projetos foram imitados com êxito em vários países.

Padre Flanagan veio a falecer no dia 15 de maio de 1948, mas fez um trabalho tão incrível que sua história foi transformada em um filme, em 1938, denominado *Boys Town*, que mostra a bondade e insistência de Flanagan até mesmo com aqueles que relutavam em mudar de vida.

IRMÃ DULCE

Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes nasceu em Salvador, na Bahia, no dia 26 de maio de 1914. Filha de um dentista e professor da Universidade Federal da Bahia, Maria Rita, futura irmã Dulce, desde pequena orava para saber se era vontade de Deus que ela O seguisse por meio de uma congregação religiosa.

Ela era uma criança comum: gostava de empinar pipas, brincar de bonecas e tinha paixão pelo futebol. Sabe-se que desde os treze anos de idade, Maria Rita ajudava pessoas enfermas e mendigos, muitas vezes recolhendo-os na sua própria casa. Ainda com treze anos, foi recusada por um convento, por ser muito nova, e voltou a estudar. Com a idade adequada, foi para Sergipe, onde fez seus votos de freira, retornando depois disso à Bahia, sua terra natal.

Aos dezoito anos, professora formada, a agora irmã Dulce (nome escolhido em homenagem à mãe) começou a trabalhar como enfermeira, professora de geografia e voluntária. Foi na Bahia que, ocupando um barracão abandonado, iniciou sua obra para cuidar de mendigos e desfavorecidos. Costumava também visitar presidiários, já em 1950, e foi a criadora do primeiro bandeirão do país, forma que encontrou de auxiliar pessoas carentes a se alimentarem bem.

Com suas obras assistenciais a idosos, doentes, pobres, crianças e jovens carentes, chamou a atenção do Papa João Paulo II, que, em sua visita ao Brasil, quis conhecê-la pessoalmente.

Em meados de 1990, irmã Dulce começou a apresentar problemas de saúde que chegariam a comprometer cerca de 70% da sua capacidade respiratória. A despeito disso, continuou seu trabalho apostólico.

Irmã Dulce deixou inúmeras obras sociais e era chamada localmente de “o anjo bom da Bahia”. As Obras Sociais Irmã Dulce têm sua estrutura física dividida entre o Complexo Roma, em Salvador, e o Centro Educacional Santo Antônio, no município de Simões Filho. A partir de 2005, a instituição passou a atuar também na gestão de centros de saúde do município de Salvador e em hospitais construídos pelo Governo do Estado, como o Ambulatório José Sarney (AJS), o Centro de Acolhimento e Tratamento de Alcoolistas (CATA), o Centro de Bio-Imagem (CBI), o Centro de Ensino e Pesquisa Professor Adib Jatene (CEPPAJ), o Centro de Pesquisa Clínica (CPEC), o Centro de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (Centrinho), o Centro de Reabilitação e Prevenção de Deficiências (CRPD), o Hospital Eurídice Santana, o Hospital do Oeste,

entre outros.

Irmã Dulce, conforme menciona seu site oficial, costumava sair pelas ruas batendo às portas de mercados, feiras livres ou gabinetes de governadores, prefeitos e secretários, para conseguir manter sua instituição filantrópica funcionando. Seu incansável exemplo a levou à indicação do Prêmio Nobel da Paz, e ela veio a falecer no dia 13 de março de 1992.

JEAN-HENRI DUNANT

Jean-Henri Dunant nasceu em Genebra, na Suíça, no dia 8 de maio de 1828, e sua ideia que revolucionaria o mundo surgiu quando ele vivenciou o sofrimento de soldados em Solferino, no norte da Itália, onde acabara de ocorrer um violento confronto entre tropas francesas e italianas e tropas austríacas: cerca de 5 mil soldados foram mortos, e 40 mil, gravemente feridos.

Esta experiência deu origem a um livro chamado *Recordações de Solferino*, no qual o autor não apenas relatava os sofrimentos dos soldados, mas apontava a necessidade urgente da criação de associações de ajuda humanitária e de um princípio internacional, convencional e sagrado de auxílio às vítimas de guerra. Foi este livro que inspirou a criação da Convenção de Genebra¹³.

Em 1863, seis pessoas se uniram, inspiradas pela leitura do livro – entre elas o próprio autor –, para criar, juntamente com dezesseis líderes de nações, a futura Cruz Vermelha, que, a princípio, era composta apenas por suecos. Somente após a Primeira Guerra Mundial ela começou a ser desenvolvida localmente em vários países do mundo.

Em 1946, durante uma Conferência Internacional da Cruz Vermelha, ficou reiterado que “a tarefa essencial da Liga e das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha consiste em um esforço cotidiano para manter a paz e em uma aglutinação de todas as forças e de todos os meios para impedir futuras guerras mundiais”¹⁴.

Entre os principais objetivos práticos da Cruz Vermelha podemos citar:

- Visitar prisioneiros de guerra e civis detidos;
- Procurar pessoas desaparecidas;
- Intermediar mensagens entre membros de uma família separada por um conflito;
- Reunir famílias dispersas;
- Em caso de necessidade, fornecer alimentos, água e assistência médica a civis;
- Difundir o Direito Internacional Humanitário (DIH);
- Zelar pela aplicação do DIH;
- Chamar a atenção para violações do DIH e contribuir para a evolução deste conjunto de normas.

Em 1948, a Conferência Internacional já reunia 46 nações, e o marco da reunião feita nesse ano foi a Declaração sobre a Paz.

Henry Dunant ganhou em 1901 o Prêmio Nobel da Paz e faleceu em 30 de outubro

de 1910.

VINCENZO GIOACCHINO PECCI

Nascido em 2 de março de 1810, foi o sexto filho de uma família nobre. Estudou em Viterbo, na Itália, e completou sua formação na Academia de Nobres Eclesiásticos, em Roma, onde decidiu ser padre.

Em conflito com o rei belga, foi nomeado bispo da pequena diocese de Perugia, na qual permaneceu durante 32 anos. Tornou-se cardeal em 1853 e reorganizou a sua diocese e a formação do clero, influenciou a renovação da filosofia cristã e incentivou as relações entre a Igreja e a sociedade moderna, o que teve repercussão além das fronteiras da Itália. Com a morte de Pio IX (1878), foi eleito seu sucessor e adotou o nome de Leão XIII.

Embora já tivesse 68 anos e uma saúde delicada, contrariou as expectativas de um pontificado breve e dirigiu a Igreja por 25 anos, um dos mais longos pontificados da História. Durante esse período, demonstrou habilidade política e diplomática e manifestou interesse pelo progresso da ciência, incentivando essa atitude em toda a Igreja. Foi, aliás, este Papa que permitiu o acesso à biblioteca do Vaticano a todo o povo.

Papa Leão XIII manteve uma relação política conciliadora com a Prússia e a França, favoreceu a expansão do catolicismo nos Estados Unidos e renovou o diálogo com os não católicos. Foi, inclusive, muito respeitoso em relação às tradições das igrejas orientais.

Foi escolhido, no entanto, como um gigante da fé não por todas essas valiosíssimas contribuições, mas por uma encíclica que escreveu defendendo os direitos dos trabalhadores: a *Rerum Novarum*, datada de 1891. O nome, traduzido para o português, significa *Das coisas novas*.

É impressionante como este homem conseguiu visualizar, no século passado, um ambiente de trabalho e leis trabalhistas que hoje existem e funcionam muito bem.

Na época em que a encíclica foi escrita, acabara de ocorrer a Revolução Industrial, e muitas pessoas trabalhavam em condições desumanas e insalubres: não tinham direito a descanso e enfrentavam longas jornadas diárias de trabalho; mesmo mulheres, crianças e idosos chegavam a trabalhar cerca de quinze horas por dia.

A oposição entre a ganância dos empregadores, motivada pelo capitalismo selvagem que ganhava força, e as necessidades humanas foi a motivação para a manifestação clara e objetiva do então Papa Leão XIII.

Em sua encíclica, ele deixa claro que não é o homem que existe para o Estado, mas o

Estado que existe para o homem, e que cabe a ele garantir meios para a plena realização do homem e de sua felicidade. O Papa afirma, ainda, que é um erro pensar que ricos e pobres são classes que nasceram para se digladiar e fala do direito à propriedade privada adquirida pelo trabalho. Além disso, defende salários justos e dignos, a determinação de idade mínima para trabalhar e a criação de sindicatos de trabalhadores que devem buscar evitar os abusos por parte de industriais e empregadores.

Não seria exagero dizer que o documento deste Papa serviu de base para muitas leis trabalhistas que vigoram hoje em muitos países do mundo, defendem os trabalhadores e pregam a necessidade de sãs condições de trabalho.

Vincenzo Gioacchino Pecci, o Papa Leão XIII, faleceu no dia 20 de julho de 1903, em Roma, mas não sem antes deixar um legado importantíssimo à humanidade.

RIGOBERTA MENCHÚ TUM

Rigoberta Menchú Tum nasceu na Guatemala, em uma família de agricultores indígenas, em 9 de janeiro de 1959.

Conheceu o duro trabalho e a pobreza desde pequena, enquanto colhia café nas grandes plantações. Viu seus pais, parentes, amigos – e também 60% da população indígena – serem explorados economicamente, sem nenhum tipo de direito político. Por isso, ainda adolescente, começou a participar de movimentos sociais e a lutar pelos direitos das mulheres, ao lado de sua família, que também estava envolvida na luta pelos direitos do povo oprimido de seu país.

A discriminação racial e a repressão violenta por parte das classes dominantes da Guatemala atingiam os direitos fundamentais dos camponeses e sufocavam suas aspirações à justiça social. Por conta disso, ficava claro que o país precisava de novas lideranças que pudessem devolver a esperança a este povo, e aos poucos foi ganhando destaque, nesse cenário, Rigoberta Menchú, uma líder nata que trabalhava arduamente pelas reformas sociais e conhecia profundamente o sofrimento do seu povo.

No final da década de 70, várias pessoas que lutavam bravamente pelos direitos humanos na Guatemala foram torturadas e mortas por policiais militares e por esquadrões que estavam aliados à elite dominante do país. Também seu pai, acusado de participar de atividades de guerrilha e de executar um fazendeiro local, acabou sendo preso e torturado, embora isso não o tenha parado: ao sair da prisão, entrou para o Comitê da recém-fundada União Camponesa (CUC), junto com Rigoberta.

Depois disso, duros golpes se seguiram: em 1979, seu irmão é preso, torturado e morto pelo exército; um ano depois, seu pai é assassinado covardemente dentro da embaixada espanhola; pouco depois, sua mãe também morre, após ter sido presa, torturada e estuprada.

Tudo isso, no entanto, não tira as forças de Rigoberta; ao contrário, quanto maior a dor, maior sua luta!

Cada vez mais ativa no CUC, dando aulas de espanhol e ensinando também em sua língua nativa, Rigoberta, em 1980, já era uma líder carismática que se destacava na luta por melhores condições de trabalho para os trabalhadores das fazendas. Ela personificava o sofrimento de seu povo com dignidade e notável inteligência, denunciando cada vez mais a opressão que sofriam.

Sua contribuição principal consistia em ensinar a população camponesa indígena a

resistir à opressão militar, e sua voz em favor dos direitos humanos dos índios camponeses crescia, enquanto ela se posicionava corajosamente contra as injustiças e a violência do governo.

Por tudo isso, corria perigo de morte, e, quando começou a ser procurada de forma mais intensa por seus opositores, precisou exilar-se no México. Mesmo de longe, no entanto, ela conseguia organizar movimentos de resistência dos camponeses e, em 1982, participou ativamente da fundação da frente de oposição “Representação Unida das Oposições da Guatemala”, a RUOG.

Em 1988, voltou para a Guatemala, protegida por seu prestígio internacional, para continuar denunciando todas as injustiças do país. Em 1992, lançou seu livro *Eu, Rigoberta Menchú*, uma autobiografia que conta sua luta e a de seu povo pela paz.

O livro ganhou notoriedade mundial, e ela se tornou mediadora da paz entre o seu povo e os opressores, o que a levou a receber – com justiça – o prêmio Nobel da Paz.

Rigoberta tinha todos os motivos para desistir: perdeu seu pai, irmão e mãe de maneira terrível. Podia se colocar como vítima e abster-se de lutar, usando o pretexto de que não queria morrer como os seus entes queridos. Mas, apesar de toda a dor e da real ameaça de morte, ela soube lutar, brilhantemente, pelo direitos dos mais necessitados, ao mesmo tempo em que era uma mensageira da paz: “Paz não é somente a ausência de guerra, pois onde há pobreza, racismo, discriminação e exclusão, dificilmente se poderá alcançar a paz”.

ALBERT SCHWEITZER

Nascido em 14 de janeiro de 1875, Albert Schweitzer era um garoto encantador, filho de um pastor evangélico. Desde pequeno, era apaixonado pela música e já aos cinco anos, tocava piano. Influenciado por sua mãe, amava os animais e rezava para que Deus os protegesse.

Conta-se que quando seus amiguinhos iam caçar passarinhos com estilingues, ele os espantava, fazendo barulho, porque aquela maldade com os animais machucava seu coração.

Schweitzer tornou-se homem eclético, prático e estudioso, com doutorado em filosofia e bacharelado em teologia. Além disso, foi um extraordinário organista, teólogo, pastor e professor de filosofia.

Sua vida mudou radicalmente quando escreveu o extraordinário livro *A questão do Cristo histórico* (1906), obra que o fez receber o doutorado também em teologia e o transformou em uma pessoa respeitada e conhecida no mundo teológico.

Tornou-se um excepcional intérprete de Bach e escreveu um estudo sobre a sua vida e sua arte. O resultado foi *Bach: o músico e o poeta* (1905), no qual lançou um olhar mais inteligente sobre este maravilhoso compositor, enxergando nele um músico místico.

Schweitzer tinha um olhar profundo sobre todas as coisas; era um brilhante teólogo, um profundo filósofo e sensível músico, mas resolveu abrir mão de tudo que construía para lutar por um desejo que queimava em seu peito: servir as pessoas, servir ao próximo!

Por pensar que lhe faltavam qualificações para tanto, resolveu estudar medicina. Não se preocupou com o que os outros poderiam pensar: abriu mão do respeito que tinha conquistado e da carreira pela qual tinha batalhado.

Em 1913, tornou-se doutor em medicina. Com sua mulher, Helene Bresslau, que estudara para ser enfermeira, viajou para Lambaréné, no Gabão, na época colônia francesa, na África Equatorial, e ali começou uma vida nova.

Schweitzer tinha compaixão pelos animais, mas sua grande paixão eram mesmo as pessoas; compadecia-se especialmente pelos doentes. Para ele, o ser humano era o que há de mais sublime na terra, e um homem nunca poderia ser sacrificado por fim algum!

Era um teólogo não de teoria, mas de prática; um intelectual não de escritório, mas de ação. Via Deus no próximo e sempre ia ao seu socorro, enxergando o que ninguém mais enxergava. Respeitava tudo o que vive, mesmo as flores, e sofria muito ao ver

animais em cativeiro. Homem de profunda sensibilidade e coragem, teve a ousadia de, junto às margens do rio Ogooué, com a ajuda de nativos, construir um hospital, todo equipado, e depois se mobilizar para conseguir doações do exterior para ampliá-lo.

Embora não desejasse nada além de fazer o bem e andasse armado apenas com o amor que sentia pelos esquecidos do mundo, os franceses, que colonizavam o território, pareciam pensar que Schweitzer poderia lhes oferecer alguma ameaça: foi, então, preso por eles.

Isso, contudo, não o parou; pelo contrário, ele superou esse doloroso acontecimento e escreveu, em 1923, *A filosofia da civilização*, que aborda a importância do respeito à vida.

Seu hospital fora arruinado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e, em vez de se deprimir, blasfemar ou mesmo desistir da missão que o levava até ali, reconstruiu-o, estrategicamente, pouco acima no rio Ogooué, pensando em cuidar também de uma colônia de leprosos próxima, anexando-a ao seu hospital.

Por todos seus feitos, recebeu – com justiça – o Prêmio Nobel da Paz, em 1954. Sua vida teve fim aos noventa anos, em Gabão, mas seu exemplo nos faz enxergar que é sempre possível fazer mais, estudar mais, dar mais de si e amar mais. Reflitamos sobre seus ensinamentos, a fim de nos tornarmos mais caridosos: “Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da Criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante”.

ÓSCAR ARNULFO ROMERO

Óscar Arnulfo Romero nasceu em San Salvador, capital de El Salvador, no dia 15 de agosto de 1917, na cidade de Barrios. Cresceria, embora não soubesse, para se tornar um homem injustiçado, incompreendido e perseguido por fazer a opção de amar sem limites e de doar sua vida em favor dos mais pobres.

Romero conheceu a pobreza e a enfermidade na pele: tinha saúde debilitada, e seus pais, que repartiam os poucos bens que tinham entre seus muitos irmãos, não puderam lhe dar muitas coisas materiais.

Seu amor pela Igreja Católica surgiu quando criança, e desde pequeno brincava de celebrar missas. Entrou para o seminário com menos de treze anos, e aos vinte já estava em Roma, estudando Teologia. Em 1943, foi ordenado padre, e seu coração, via-se, já estava voltado para os mais pobres.

Por meio da Palavra de Deus, em especial pela passagem do servo sofredor (Isaías 53), via nos mais pobres o Cristo crucificado, martirizado. Dessa forma, compreendia que Jesus continuava a ser maltratado e perseguido na vida dos mais desfavorecidos. Ao olhar para a realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo, escutava Seu grito na voz dos mais necessitados.

Em seu peito ardia um zelo ardente pelos pequeninhos do Senhor, por isso partiu em sua ajuda. Como padre, visitava hospitais e presídios, dava aulas nas escolas da periferia e ajudava os mais pobres na porta de sua própria casa. Ele adotava os valores de Cristo na própria vida, mas, da sociedade, só recebeu em troca perseguição, tanto de pessoas de fora da Igreja quanto de alguns setores eclesiais, que o acusavam de comunista.

El Salvador era um país de contrastes: 2% da população detinha 60% das terras férteis, o que criava uma classe de excluídos e gerava uma desigualdade sem precedentes, na qual o mais prejudicado era o camponês.

Nos anos 70, essa complicada situação atingiu seu ápice: a opressão e a violência imperavam; faltava trabalho, alimento, água potável; a mortalidade infantil crescia assustadoramente.

Em 3 de fevereiro de 1977, aos 59 anos de idade, enquanto o país vivia uma forte ditadura, Óscar Romero foi nomeado arcebispo de El Salvador. Diversos movimentos sociais eclodiam, lutando por mais justiça social e pela reforma agrária, e o conflito no cenário político tornou-se terrível.

Visando manter a vantajosa posição social e econômica que tinham, os grandes

latifundiários passaram a contratar capangas e a empregar métodos violentos, chegando a cometer assassinatos e outros crimes. Diante disso, os movimentos de oposição passaram a responder também com violência.

Logo após Romero ser nomeado arcebispo, o general Carlos Humberto Romero, que trabalhava em favor dos que tinham o capital nas mãos, foi eleito presidente do país. No entanto, dois anos depois, com o aumento dos conflitos, a oposição conseguiu depô-lo, por meio de um golpe militar.

A luta armada, então, tomou conta das ruas de El Salvador, e centenas de pessoas morreram assassinadas nos conflitos entre as forças de segurança conservadoras – daqueles que não queriam perder o poder que tinham – e os movimentos de oposição populares e de guerrilha. Entre as vítimas do conflito, estavam o sacerdote Alfonso Navarro e o jovem Luis Torres, assassinados dentro da casa paroquial.

Dom Óscar Romero, que condenava a brutalidade tanto dos conservadores quanto dos movimentos de oposição, defendia o desenvolvimento de um projeto de justiça que não passasse pela violência e que transformasse o país numa sociedade mais justa e fraterna, a partir do amor e da justiça para com os mais pobres. Por meio de uma rádio, fez um discurso que se espalhou por todo El Salvador e por todo o mundo, em que condenava de forma veemente o uso da violência e a luta armada. Em seu coração só havia lugar para a paz!

Foi incompreendido por todos: pelos conservadores, pela oposição e mesmo por alguns amigos bispos, que o acusaram de estar envolvido na Teologia da Libertação¹⁵ e de incentivar a guerrilha.

A verdade é que Dom Óscar Romero era um homem de Deus, de oração, um pacificador que tinha o seu coração no Evangelho. O que ele realmente almejava era a paz.

Dom Óscar Romero, devido a seu posicionamento, teve sua vida ameaçada, mas, a respeito disso, antes de se encontrar com o Papa Paulo VI, em uma audiência, declarou: “É meu dever estar com meu povo. Não posso ter medo. Será o que Deus quiser”.

E foi vivendo o Evangelho que Dom Óscar Romero foi fuzilado enquanto celebrava uma missa na capela de um hospital, em meio a pessoas com câncer e outras enfermidades. Viveu como Jesus, entre os doentes e os mais pobres, e seu sangue foi derramado em favor da vida!

DOROTHY MAE STANG

Dorothy Stang, uma pessoa que foi apaixonada pela vida e pelas pessoas, viveu por um ideal e morreu pelo que acreditava.

Nasceu em 7 de junho de 1931, em Ohio, Estados Unidos, e tornou-se uma mulher de firme fé. Entrou para a vida religiosa em 1948, quando passou a fazer parte das Irmãs de Nossa Senhora de Namur, uma congregação religiosa fundada em 1804 por Santa Julie Billiart (1751-1816) e Françoise Blin de Bourdon (1756-1838).

Irmã Dorothy, como se tornou conhecida, era uma missionária que tinha como missão espalhar e semear o amor pelo mundo. Era uma mulher que vivia a pobreza, a castidade e a obediência; inspirava-se no exemplo de Jesus e queria ter o seu caráter modelado por Deus.

Muitas pessoas veem irmã Dorothy simplesmente como uma ativista, mas é importante lembrar que suas motivações eram de ordem religiosa e que ela era uma mulher de fé profunda e enraizada. Tinha fé, aliás, não somente em Deus, mas também nos homens: acreditava que eles poderiam mudar, acreditava no ser humano apesar de todas as atrocidades que presenciara em sua missão.

Irmã Dorothy era professora e dava aulas em várias escolas nos Estados Unidos. Em 1966, veio para o Brasil e, ao desembarcar na cidade de Coroatá, no Estado do Maranhão, deparou-se com uma enorme miséria, realidade muito diferente da que via em seu país.

Na região de Xingu, na Amazônia, onde se fixou no início dos anos 70, sensibilizou-se profundamente com a dor das pessoas que não conseguiam trabalho e chorou pelo desmatamento da floresta. Assim, motivada pela fé, voltou sua atividade missionária à geração de empregos e renda e a projetos de reflorestamento das áreas desmatadas.

Havia muito conflito entre os fundiários e os trabalhadores, e Dorothy se tornou uma pacificadora muito respeitada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Participava da Comissão Pastoral da Terra, atuava em movimentos sociais no Pará e lutava em prol da vida dos trabalhadores rurais da região, defendendo uma reforma agrária justa. Era uma mulher de fé, de garra, politizada, que queria ajudar as pessoas a viverem uma vida digna. Mantinha contato com diversas lideranças – fossem elas agrárias, políticas ou religiosas – na busca de solucionar os conflitos na região amazônica.

A fé da irmã Dorothy era uma fé que constrói, e ela ajudou a fundar a primeira

escola de formação de professores na Rodovia Transamazônica: a Escola Brasil, que veio a beneficiar a população empobrecida da região.

Por tantas lutas, recebeu, em 2004, um prêmio da Ordem dos Advogados do Brasil (seção Pará) em reconhecimento à sua luta a favor dos direitos humanos. Foi ainda homenageada pelo documentário (livro/DVD) *Amazônia Revelada*, produzido em 2005.

Aqui no Brasil se dá poucas oportunidades para pessoas idosas, e isso é uma grande perda para o país. O idoso tem uma grande sabedoria, muita bagagem cultural, e, quando acreditamos nele, ele acredita em si e se torna capaz de fazer uma grande diferença. Neste sentido, irmã Dorothy é um exemplo, pois, embora tivesse uma idade avançada, colocou-se ao lado dos mais fracos, revelando a força que tinha a despeito de sua aparência frágil.

Irmã Dorothy recebeu diversas ameaças de morte, mas isso não a fazia tremer ou fugir, e ela não se abatia, pois tinha uma fé inabalável em um Deus cheio de amor.

Pouco antes de ser assassinada, declarou: “Não vou fugir nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor, numa terra onde possam viver e produzir com dignidade, sem devastar”.

Como parar uma senhora assim tão determinada? No dia 12 de fevereiro de 2005, às 07h30 da manhã, em uma estrada da cidade Anapu, no Pará, tentaram pará-la com seis tiros: um na cabeça e cinco ao redor do corpo. Ela estava com 73 anos de idade.

Provavelmente pensaram: “Agora ela não vai incomodar mais”. O que não imaginavam era que sua memória se tornaria motivo de força para os trabalhadores da região.

Quando perguntaram à irmã Dorothy, antes de matá-la, se estava armada, ela pegou sua Bíblia e começou a ler textos e pregar a Palavra de Deus. Morreu falando do seu Deus e de Seu amor, porque ninguém pode parar um profeta do Senhor.

MARTIN LUTHER KING JR.

“Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados pelo caráter, e não pela cor da pele”. Esta célebre frase foi proferida em um discurso, em Washington, capital dos Estados Unidos, em 28 de agosto de 1963, durante uma manifestação que reuniu mais de 200 mil pessoas que clamavam pelo fim do preconceito e da discriminação racial.

Martin Luther King Jr. era um pastor altamente influenciado por seu pai, formado em teologia e doutorado em filosofia. Casado e pai de quatro filhos, Luther King sabia quem era e que não havia diferença entre brancos e negros, por isso, em 1954, ao ser abordado por um homem branco, que exigiu que ele saísse do banco em que estava sentado para lhe dar seu lugar, ele se recusou. Nesse mesmo ano, tornou-se pastor e, no Estado do Alabama, firmou-se como um líder que lutava pelo fim da política de segregação nos Estados Unidos da América.

Aplicando a filosofia da não violência do líder indiano Mahatma Gandhi e princípios do Evangelho de Jesus Cristo, Luther King organizava e participava de inúmeros protestos, marchas e passeadas em prol dos direitos dos homens negros.

Os participantes dessas manifestações davam os braços e marchavam pelas ruas, e, embora fossem reprimidos agressivamente pelos soldados, não reagiam; apenas marchavam, pela igualdade de direitos entre negros e brancos.

Ele não tinha medo; era valente e passou por várias cidades pregando sua mensagem, deixando impregnado nos lugares por onde passava seu grito de igualdade. Várias vezes este gigante da fé foi perseguido nas ruas e caluniado, além de ter sido também preso e torturado. Nem mesmo sua família foi poupada, e sua casa foi atacada. O que mais o incomodava, porém, não eram os seus inimigos, mas o conformismo dos seus amigos.

Luther King era um homem acostumado com a adversidade, uma “torre inabalável”. Apesar de toda a “ventania” que se abatia contra ele, nunca se mostrava indiferente, nunca ficava “em cima do muro”. Não era o tipo de homem que apenas vê a vida passar, mas que a faz acontecer! Sempre dizia, a respeito disso: “É melhor tentar e falhar do que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final”.

Martin Luther King, um homem com amor no coração e um sorriso nos lábios, transformou o mundo com seu grito: “Eu tenho um sonho!”, e seu mais famoso discurso percorreu o mundo. Em 1964, em grande parte graças à sua luta, a legislação civil e a lei

de direitos de votos foram modificadas em favor da população negra.

Que possamos olhar para ele e crescer como pessoas, inspirando-nos no que ele dizia: “Nós não somos o que gostaríamos de ser. Nós não somos o que ainda iremos ser. Mas, graças a Deus, não somos mais quem nós éramos”.

Luther King foi um homem extremamente nobre e doou sua vida em favor do próximo. Isso o fez receber, em 1964, o Prêmio Nobel da Paz.

Em 1966, ele se posicionou contra a guerra do Vietnã e, em 1968, preparando-se para uma marcha a favor dos coletores de lixo, que faziam uma greve por melhores salários e condições de trabalho, foi morto a tiros por um opositor, em um hotel na cidade de Memphis.

De fato, tentaram abafar o seu grito, mas passados tantos anos, ele ainda ecoa fortemente: “Eu tenho um sonho.”

CARLOS ROBERTO LEAL

Esta é a história de um irmão de comunidade, de quem gosto muito. Coloco-o como um grande homem de fé pelos inúmeros depoimentos que deu e pelas inúmeras ações que vi Deus suscitar por meio dele.

Fazemos parte de uma comunidade de evangelização católica, e, por sermos uma comunidade, e não uma igreja, não podemos – e não devemos – pedir dízimo a ninguém.

Por conta disso, durante catorze anos de existência, sempre esbarramos em um problema geralmente comum a comunidades católicas: a falta de dinheiro. Deus nunca nos abandonou – sempre contamos com Sua providência –, mas também nunca tivemos uma segurança financeira que nos permitisse excessos, exatamente porque nos envolvemos em muitas ações evangelizadoras e nos sustentamos apenas com a colaboração dos próprios membros da comunidade, que hoje não passam de 25.

Estamos construindo, em Tijucas do Sul, no Paraná, uma chácara de retiros e temos também sedes de missões em outras cidades, como São José dos Pinhais e Curitiba, que precisamos manter financeiramente. Em determinado momento, tornou-se difícil conseguir o dinheiro necessário para seguir com a obra, e ela acabou parada por falta de recursos.

Então, o Betinho, como carinhosamente é chamado, optou pelo melhor caminho que podíamos seguir: olhando para um quadro da Divina Misericórdia e sentado no sofá de sua sala, decidiu orar e pedir a Deus que lhe mostrasse uma resposta.

Imediatamente, lembrou-se de um sacerdote que havia sido transferido de Curitiba, com quem muitas vezes discutira sobre algumas questões internas da Igreja, embora sempre, claro, com o devido respeito.

O Senhor inspirou Betinho a ligar para ele, que era um administrador muito bom, e a contar-lhe nosso problema. Durante a ligação, Betinho não mencionou os valores de que precisávamos em momento nenhum, mas, ainda assim, o padre ofereceu-lhe a quantia quase exata de que precisávamos para dar andamento à obra.

Em outra ocasião, Betinho, pessoa muito honesta, teve um problema com o próprio aluguel. Ele, que trabalha como policial, mora com a mulher em um apartamento alugado, e houve ocasiões em que enfrentaram grandes dificuldades financeiras.

Certa vez, Betinho contou-me que atrasou o aluguel e que não tinha como pagá-lo. O dono do imóvel em que moravam o ameaçou, dizendo que se não pagassem, iria despejá-lo.

Na época, ele precisava de R\$ 300,00. Sem duvidar do que era preciso fazer, Betinho colocou-se em oração à noite, pedindo que Deus o ajudasse, e então foi se deitar.

No dia seguinte, seguiu toda a rotina a que estava acostumado antes de ir trabalhar: barbeou-se, lustrou as botas e partiu para o emprego.

No final do dia, lembrou-se da oração e da necessidade de procurar alguém que lhe ajudasse com o aluguel. Então, um superior veio falar com ele, para contar-lhe que havia sonhado que ele precisava de R\$ 300,00. Betinho confirmou, e o superior disse que poderia emprestar-lhe o dinheiro; e ainda disse que, se ele não quisesse, o usaria para apostar.

De bom grado, Betinho pegou o dinheiro e quitou o aluguel. No momento oportuno, assim que teve a possibilidade, devolveu-o àquele que lhe emprestara.

Louvado seja Deus, que nunca desampara aqueles O procuram com fé e perseverança!

MOHANDAS KARAMCHAND GANDHI

Gandhi foi um dos líderes do movimento de independência da Índia e o maior defensor da adoção do *Satyagraha*, princípio da *não violência*, como instrumento de revolução.

Nascido em 2 de outubro de 1869, tornou-se advogado e ficou conhecido como o *Mahatma*, a *Grande Alma*. Estudou na Inglaterra, onde passou a se abster de vinho, mulheres e carne.

Após se formar, foi para a África do Sul para exercer a profissão de advogado, pois acreditava que a advocacia devia servir para unir rivais e levá-los à paz e para trabalhar pela verdade e pela justiça, nunca incriminando inocentes.

Gandhi viveu vinte anos na África do Sul, onde a discriminação social era intensa, defendendo os direitos da minoria hindu. Certa vez, o governo de Transvaal quis registrar toda a população hindu, colocando todos em filas e submetendo-os a uma situação vexatória; diante da desobediência em massa que essa determinação gerou, as autoridades, pondo em prática o Ato de Inscrição Asiático¹⁶, prenderam Gandhi e outros hindus, condenando-os a dois meses de trabalho forçado.

Gandhi, no entanto, cada vez mais se dedicava a estudar e acreditava na força do amor universal. Para ele, o amor era a maior força do mundo, por isso, começou a lutar pelos direitos dos indianos da África do Sul por meio de uma filosofia de *não violência*, conseguindo, assim, muitos benefícios para o seu povo.

Em 1915, Gandhi voltou para a Índia e transformou-se em um grande líder, lutando pela independência do país. Ele incentivou os trabalhadores têxteis de Ahmedabad, que eram economicamente oprimidos, a não acatar as leis que lhes ditavam e a fazer greves. Fez também um jejum prolongado, para encorajá-los, e desafiou o governo britânico, fundando e publicando dois semanários sem anúncios: o *Índia Jovem*, que era publicado em inglês, e o *Navajivan*, em Gujarati.

Em 1920, começou uma campanha – de âmbito nacional – incentivando o povo da Índia, hindus e muçulmanos a não cooperarem com o governo britânico, o que implicava no não pagamento de impostos e em não comprar bebidas alcoólicas.

Ele era um mensageiro do amor, que viajava por todo o país criando uma consciência de não violência e de desobediência civil em prol da igualdade. Ele pregava a igualdade entre as pessoas e nações e para as mulheres, pedia a abstinência de álcool e drogas, defendia a unidade hindu-muçulmana e falava sobre o valor da amizade. Estes

pontos estavam conectados, eram o coração da sua doutrina de não violência.

Gandhi organizou várias marchas em favor da independência da Índia e, embora os manifestantes fossem agredidos por seus opressores enquanto caminhavam, não reagiam. Com isto, eles conquistaram muitos benefícios, como o cancelamento do aumento de impostos, a libertação de prisioneiros e a devolução de terras e propriedades confiscadas anteriormente.

Foi em 1930, no entanto, que ele organizou a marcha que marcaria para sempre a história da Índia: a “Marcha do Sal”, que tinha como objetivo exigir a independência do país, colonizado na época pela Inglaterra.

No dia 11 de março, Gandhi, junto com 77 homens, começou a marchar em direção ao mar. Seriam 24 dias de marcha, caminhando e conscientizando pessoas pelo caminho, que acabavam juntando-se ao movimento. Durante o percurso, o grupo, anteriormente de 77 homens, tornou-se uma multidão de 100 mil pessoas, que marchava em direção ao mar.

Durante o protesto, centenas de pessoas foram presas e as cadeias ficaram lotadas, mas, incrivelmente, não houve violência.

O objetivo de Gandhi era levar as pessoas que o acompanhavam ao mar, a fim de coletarem seu próprio sal, em vez de pagarem a taxa prevista sobre o sal comercializado.

Em 8 de maio de 1933, Gandhi fez um jejum que durou 21 dias em protesto à opressão britânica sobre a Índia, sempre pregando, com cada vez mais convicção, a independência do país e a saída dos britânicos do território indiano.

Gandhi passaria, no total, mais de seis anos como prisioneiro. Seu sonho, a independência indiana, pelo qual lutou tão bravamente, tornou-se realidade em 1947.

Gandhi foi assassinado em 30 de janeiro de 1948, aos 78 anos, mas seu testemunho e seu exemplo inspiraram gerações e grandes homens, como Martin Luther King e Nelson Mandela.

FRIEDRICH FROEBEL

Froebel nasceu na Alemanha em 1782, filho de um pastor protestante que costumava trabalhar com jardinagem. Constantemente, acompanhava seu pai a lugares diferentes para planejar e cultivar os jardins.

Como fora desde cedo educado na fé cristã, Froebel começou a se indagar por que as pessoas não eram formadas desde crianças, sendo evangelizadas somente quando adultas.

Comparando-as com as plantas, ele concluiu que as crianças deviam ser cultivadas para se tornarem adultos mais saudáveis, tanto mentalmente quanto física e espiritualmente. Nascia, assim, a ideia inicial do jardim de infância.

Os primeiros jardins de infância alemães tinham fortes vínculos com o cristianismo. Aos poucos, eles se espalharam pelo mundo todo, com valores universais e comuns ao homem.

O primeiro jardim de infância foi fundado por Froebel em 1837, e foi ele quem, de maneira inovadora, começou a utilizar músicas, jogos, pinturas, palestras, jardinagem, modelagem, desenhos e a narrativa de histórias na educação infantil.

Foi também ele o primeiro a romper com a tradicional educação somente verbal e a levar em consideração, no processo de educação, a sensibilidade das crianças.

Sem dúvidas, isso se deve aos seus valores cristãos, que influenciaram positivamente os princípios de seus jardins de infância. Entre as práticas que defendia na educação, podemos citar, como exemplo, a de tratar as crianças com a dignidade de filhos de Deus e a de respeitar a integridade de seus alunos.

Froebel defendia que o educador deve ser flexível e, ao mesmo tempo, rígido, além de uma pessoa capaz não somente de ensinar, mas também de aprender com seus alunos. Além disso, ele entendeu a importância da família nas relações humanas e via o homem como um ser produtivo, ativo, e não somente como um receptáculo de informações. Ele compreendeu que o homem tem capacidade de absorver e de criar, e essa visão certamente fez toda a diferença na educação infantil e humana.

JORGE MARIO BERGOGLIO – PAPA FRANCISCO

Papa Francisco é ao mesmo tempo um gigante da fé e um gigante da vida, pois tanto sua fé quanto suas ações têm profundidades incríveis, além de serem inseparáveis: seu modo de viver é diretamente influenciado por sua fé, que por sua vez foi consolidada e fortalecida ao decorrer de sua vida.

Suas atitudes demonstram, de forma clara, que ele verdadeiramente crê no que prega e o destacam de tal maneira que até mesmo revistas seculares muito populares – como a *Rolling Stones* e a *Time*, que inclusive o escolheu como personalidade do ano em 2013 – decidiram dedicar uma matéria de capa a ele.

Sua humildade era tanta que, em Buenos Aires, morava em um apartamento pequeno e preparava a própria comida, e quando lhe perguntavam o porquê, respondia: “O meu povo é pobre, e eu sou um deles”.

Jorge Mario Bergoglio nasceu na Argentina, em 17 de dezembro de 1936. Trabalhou desde os doze anos de idade a pedido do pai, porque o trabalho, em sua opinião, era um formador do caráter. Cursou farmácia e já aos dezessete anos, segundo os amigos, gostava de caminhar pelas ruas mais pobres e de se dedicar a causas sociais. Apesar disso, o Papa Francisco não tinha costumes tão radicalmente diferentes dos que tinham outros jovens da época: como os demais, ele costumava dançar, jogar bola, sair e passear com os amigos.

O nome escolhido ao assumir o papado não poderia ser melhor, pois remete ao gigante São Francisco de Assis¹⁷, cuja simplicidade se destaca entre tantas outras virtudes.

Papa Francisco entrou no seminário aos dezenove anos de idade e, em 1958, foi para o noviciado da Companhia de Jesus, os jesuítas. No dia 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote, e em 20 de maio de 1992, o então Papa João Paulo II o nomeou bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires.

No dia 21 de fevereiro de 2001, foi nomeado cardeal e recebeu o título de São Roberto Billarmino, também pelo Papa João Paulo II. Naquela ocasião, o cardeal Bergoglio pediu aos fiéis que não gastassem para ir a Roma, mas que, em vez disso, doassem o dinheiro a obras sociais. Ele repetiria este gesto anos depois, ao ser eleito Papa no dia 13 de março de 2013.

Papa Francisco surpreendeu desde o início, e seu primeiro gesto já o fez ganhar o coração dos que creem e também dos que não creem. Curvando-se diante das câmeras do

mundo inteiro, ele pediu orações aos fiéis presentes na Praça de São Pedro.

Além disso, com pouquíssimo tempo de pontificado, recusou um carro blindado para ir ao Rio de Janeiro, bebeu um chimarrão apresentado a ele por uma fiel, na Jornada Mundial da Juventude, e surpreendeu o mundo todo admitindo algo que todos os cristãos já sabiam, mas que certamente nunca esperavam ouvir do maior líder da Igreja Católica: “Todo mundo peca, inclusive o Papa – e muito”. Quando foi eleito, ligou para amigos íntimos de Buenos Aires – como seu dentista, jornalista e funcionários da igreja –, que, ao receberem a ligação, não sabiam como tratá-lo, ao que o Papa respondia: “Me chame de Jorge”. Sua primeira missa, geralmente presidida com as portas fechadas por segurança, foi aberta ao público a pedido dele.

Seus exemplos, como vemos, destacam-se em uma sociedade preocupada em acumular, em aparecer e em esbanjar. Não há dúvidas de que o Papa Francisco se expressa muito bem verbalmente, mas o mais importante é que ele realmente vive o que prega.

O Papa Francisco é um exemplo espetacular de que várias atitudes pequenas reunidas fazem uma grande diferença; de que homens extraordinários são feitos de escolhas e atitudes diárias; e de que quem é fiel no pouco, certamente, ao longo do tempo, o será também no muito.

MARLI: UM AMOR SEM LIMITES

Esta é a história real de uma mulher curitibana, a quem chamaremos de Marli¹⁸. Ela e seu marido, por anos, tentaram em vão engravidar. Diante de tantos insucessos, o marido decide adotar uma criança. A mulher, a princípio, não concorda, mas aos poucos o marido consegue convencê-la a considerar a adoção.

Um dia, ambos vão a um orfanato para procurar uma criança com quem simpatizassem. Ao chegar ao local, Marli avista ao longe uma garotinha com um vestidinho. Mesmo de longe, teve a certeza de que aquela menina seria a sua filha. Parece-lhe que a menininha estava em cores, e o restante das crianças como em um filme preto e branco.

Ao se dirigir à menina, a jovem moça pôde constatar que ela possuía uma deficiência mental. Mesmo assim, a mulher a pega nos braços, erguendo-a e lhe dando um apertado e caloroso abraço.

Depois da visita, ela já sabia em seu coração: aquela seria a sua filha, ela seria a escolhida.

Ao conversarem com os responsáveis da casa, lhe sugeriram que mudassem de escolha, a fim de encontrarem uma criança mais “normal”. Ambos disseram que gostariam de adotar aquela menininha. Então, veio o choque: os responsáveis pelo orfanato disseram que além da deficiência mental, a menina era soropositivo. Havia contraído o vírus dos seus pais biológicos.

Em questão de segundos, que pareceram uma eternidade, pensamentos se passaram aos turbilhões em sua cabeça. Como criariam uma criança deficiente e portadora de HIV? Deveriam mesmo seguir com esta escolha?

Felizmente, a dúvida se desfez com a mesma rapidez com que surgiu. O casal afirmou que iria adotá-la.

Se a história fosse um filme, eles viveriam felizes para sempre. Porém, a vida é real, e o real nem sempre é bom. Devido a inúmeros trâmites burocráticos, já se passaram seis anos, e o casal ainda não conseguiu adotar a menina.

Há muita burocracia a respeito da adoção ainda em nossos dias, principalmente de crianças especiais ou portadoras de Aids.

Funcionários, parentes e amigos tentaram dissuadir a mulher da ideia da adoção. Em vão, pois nem a deficiência, nem o HIV e o tempo conseguiram vencer o coração de uma

mãe que aprendeu a amar alguém que muitas outras pessoas diziam que ela não deveria amar.

Marli espera ansiosamente que seus advogados lhe deem a graça de ter a filha morando definitivamente em sua casa. Até lá, ela segue visitando a menina quase que diariamente no orfanato, onde brinca com ela, lhe dá muitos beijos e lhe conta diversas histórias.

Enquanto muitas mulheres têm a graça de gestar um filho no seu ventre, Marli teve a graça de gestar sua filha em seu coração.

GEORGE: UMA HISTÓRIA DE ALTRUÍSMO

Esta é uma das histórias de gigantes da vida de que mais gosto. Já ouvi meu pai falar sobre ela em seu trabalho como palestrante, assim como já ouvi outras pessoas contando-a – de maneira bem pouco ética – como se tivesse acontecido realmente com elas.

Esta história foi, na verdade, retirada do livro *Histórias para aquecer o coração*¹⁹, de Jack Canfield, Mark Victor Hansen e Heather McNamara, e conta o seguinte:

Quando eu era adolescente, meu pai George²⁰ e eu estávamos na fila para comprar ingressos para o circo. Finalmente, havia apenas uma família entre nós e o guichê.

Essa família me causou uma profunda impressão. Havia oito crianças, provavelmente todas com menos de doze anos. Podia-se dizer que elas não tinham muito dinheiro. Suas roupas eram baratas, porém limpas. As crianças eram bem comportadas, todas em pé na fila duas a duas de mãos dadas, atrás de seus pais.

Falavam animadamente sobre os palhaços, os elefantes e outras coisas que veriam naquela noite. Podia-se perceber que nunca tinham ido ao circo. O programa prometia ser um grande acontecimento em suas vidas jovens.

O pai e a mãe iam à frente do grupo, tão orgulhosos quanto poderiam estar. A mãe segurava o braço do marido e olhava para ele, como se dissesse, “Você é meu cavaleiro com uma armadura brilhante”. O pai sorria cheio de orgulho e olhava para ela, como se respondesse, “Você tem razão.”

A vendedora de ingressos perguntou ao pai quantos ele queria. Ele respondeu, “Por favor, quero oito de crianças e dois de adultos para levar a minha família ao circo”.

A vendedora disse o preço. A mãe ficou cabisbaixa e largou a mão do marido, que ficou com os lábios trêmulos.

Ele perguntou novamente: “Quanto foi que a senhora disse?” A vendedora disse novamente o preço. O homem não tinha dinheiro suficiente.

Como poderia dizer a seus oito filhos que não tinha dinheiro suficiente para levá-los ao circo?

Vendo o que acontecia, meu pai colocou a mão em seu bolso, pegou uma nota de vinte dólares e a deixou cair no chão.

Meu pai se abaixou, pegou a nota, tocou no ombro do homem e disse “Senhor, com licença, isto caiu do seu bolso.”

O homem entendeu o que estava acontecendo. Não estava pedindo esmolas, mas certamente apreciou a ajuda em uma situação terrivelmente constrangedora.

Ele olhou bem nos olhos do meu pai, pegou a sua mão nas suas, apertou com força a nota de vinte dólares e, com os lábios trêmulos e uma lágrima rolando em seu rosto, respondeu “Obrigado, senhor. Isso significa muito para mim e para a minha família.”

Meu pai e eu voltamos para o nosso carro e nos dirigimos para casa. Não fomos ao circo naquela noite, mas valeu a pena.

IZABEL: A MULHER QUE DIVIDIU O POUCO QUE TINHA

Fui coordenador de um grupo de oração por um tempo, e confesso que vi coisas extraordinárias. Uma me tocou de maneira particular, e ainda me lembro dela mesmo após doze anos. Trata-se da história de Izabel²¹, uma senhora que costumava receber visitas do nosso ministério social.

Mensalmente, levávamos roupas e comida a famílias cadastradas. Em uma das casas que visitávamos, morava Izabel. Sempre quando chegávamos, ela abria a cesta básica e retirava um copo de arroz do pacote grande e despejava num recipiente de vidro.

Nas primeiras vezes, não tivemos coragem para perguntar-lhe o motivo dessa sua atitude. Um dia, porém, nós lhe perguntamos, e ela nos respondeu:

– Moço, graças a Deus esta comida que vocês trazem tem nos ajudado. Mas tem tanta gente que conheço passando fome, que sempre separo um pouco de arroz da minha cesta e ponho no recipiente de vidro. Quando ele está quase cheio, levo-o a uma dessas famílias para que elas também tenham um pouco de comida.

Ninguém é tão pobre que não tenha nada para oferecer.

RONALDO: O HOMEM QUE NÃO SE IMPORTOU EM AJUDAR

Sabe aqueles dias em que você está desanimado com a atual situação caótica do mundo?

Em um dia em que me sentia assim, peguei um avião para palestrar em outro estado. Sentei-me na terceira fileira e estava refletindo sobre o egoísmo e o egocentrismo dos homens quando notei que, na primeira fileira, havia uma jovem senhora com um menino de colo.

O menino, muito bonito, era também muito agitado. Não queria colocar o cinto de segurança de jeito nenhum: se jogava ao chão, gritava, dava um verdadeiro espetáculo. A pobre mãe, alvo de inúmeros olhares, demonstrava cansaço e certo desconforto com a situação, enquanto as aeromoças pediam, com gentileza, mas insistentemente, que a mãe colocasse o cinto no filho. Era mais fácil pedir para laçar um touro bravo.

Não demorou para um jovem de meia idade se levantar da segunda fileira, onde estava com um amigo, e ir sentar-se ao lado da mãe desesperada. O rapaz se apresentou ao garotinho como Ronaldo²², perguntou se ele sabia desenhar e, em pouco tempo, ele estava desenhando com o menino.

Ao menos até o avião decolar, os desenhos surtiram efeito. Logo, no entanto, o menino enjoou de desenhar, e Ronaldo passou então a contar-lhe histórias, a fazer brincadeiras, a desenhar o contorno da mão do menino no papel. Finalmente, depois de várias brincadeiras, perguntou ao garotinho se ele sabia fazer um aviãozinho de papel. Diante da negativa do garoto, o rapaz iniciou o processo, sob o olhar atento do menino e de mais de meia dúzia de curiosos. Eu, aliás, era um deles.

Neste momento, lembrei-me do pai da aviação, Santos Dumont, e pensei na grandeza de sua descoberta e em como ela mudou a vida de milhares de homens. Graças a Dumont, as distâncias se encurtaram, e muitos enfermos que morreriam devido às longas viagens foram salvos pela possibilidade de fazer uma viagem mais curta.

Fiquei pensando que poucos podem e conseguem realizar feitos tão grandes, porém, ali ao meu lado, dentro da invenção de Dumont, alguém realizava também um grande feito. Com um pequeno pedaço de papel, garantia um momento de descanso para uma mãe, um momento de lazer para o filho e um momento de alívio para os nossos ouvidos.

Percebi que não precisamos, na vida, fazer grandes aviões para deixar nossa marca.

Podemos fazer aviões de papel.

Ronaldo nem imagina, mas sua pequena ajuda tocou, além do coração da mãe e do menino, o coração naquele momento triste de um palestrante e escritor. Por isso, não negligencie os pequenos aviões de papel que você pode fazer.

JACÓ: O HOMEM QUE LEVAVA SUA MULHER À MISSA NOS BRAÇOS

Meu pai, após sua conversão, passou a ser um católico convicto, e sempre que pôde, mesmo quando estava viajando, procurou ir à igreja e fazer suas orações.

Certa vez, em uma pequena cidade, em um dia de semana chuvoso, decidiu ir à missa das sete da manhã.

Ao chegar à igreja, já perto do horário de começar a celebração, percebeu que somente havia ali o padre e um senhor que segurava no colo alguém que parecia sua filha.

Ao término da missa, meu pai dirigiu-se ao homem que segurava a mulher e perguntou-lhe sobre ela, ao que ele, identificando-se pelo nome de Jacó²³, respondeu que ela era sua esposa, e que, devido a um erro médico, dependia dele para tudo: para tomar banho, para se vestir, para ir ao banheiro. O homem contou-lhe também que há anos ela se encontrava naquela situação, e que, por conta disso, todos os dias ele andava cerca de seis quilômetros carregando-a nos braços, para levá-la à igreja.

Meu pai, ouvindo seu relato, compreendeu que nada, senão o amor pelas coisas do Alto e pelo próximo, faria alguém enfrentar com tanta dedicação uma situação daquelas. E era justamente o amor e a fé profunda que moviam aquele senhor.

IRMÃ KENIA E A PISCINA DO ORFANATO

Li esta história real e comovente em um livro do famoso padre Robert DeGrandis, sacerdote mundialmente conhecido por seu ministério de cura e libertação.

Em seu livro, ele conta que, em um lugar muito pobre da África, algumas irmãs católicas fundaram um orfanato para cuidar de crianças abandonadas. A região era muito pobre e carecia de muitas coisas, desde as mais básicas, como alimentos e roupas, às mais complexas, como hospitais devidamente equipados e medicamentos.

Certo dia, este orfanato recebeu uma doação extra em dinheiro. Com tantas coisas para fazer, tantos itens de que precisavam, era necessário pensar muito bem no que investiriam a quantia recebida.

Então, uma das irmãs, que chamaremos de Kenia²⁴, decidiu orar e escutar a Deus, para saber para onde deveriam direcionar o dinheiro. Após uma longa oração, a irmã disse às outras que deveriam construir imediatamente uma piscina.

O anúncio gerou alarde e indignação. Afinal, onde faltava comida, não deveria existir lugar para o supérfluo. Certo? Não para a irmã, que continuava afirmando que Deus lhe pedia para fazer uma piscina.

Contrariando as demais, a irmã Kenia decidiu seguir em frente com seus planos, e construiu a piscina, na qual as crianças começaram a aprender a nadar.

Algum tempo depois, houve uma súbita e grande inundação na região. Pegos de surpresa, não houve tempo hábil para abandonar o orfanato, mas as crianças conseguiram se salvar, *porque tinham aprendido a nadar*.

Os gigantes da fé sabem que a fé não é contrária à razão, e que ambas provêm do mesmo Deus Criador. Contudo, sabem também que precisam ouvir mais os anseios sobrenaturais do Espírito de Deus do que os humanos, porque têm consciência de que algumas vezes a fé vai além da lógica.

MANOEL: UM GESTO DO MAIS PURO AMOR

Certo dia, fui pregar em um encontro católico em Cascavel, no Paraná. No intervalo, aproximou-se de mim um senhor de óculos, franzino, com cabelos brancos e olhos pequenos.

– Jovem, você tem um tempo para me ouvir? – ele perguntou. Respondi que sim, já imaginando que ele ia pedir um conselho ou uma oração. No entanto, ele apenas fitou-me e começou a contar sua história: – Meu nome é Manoel²⁵ e sou casado há cinquenta anos, e também há cinquenta anos vou à igreja e participo de um movimento católico. Há cinquenta anos, sou criticado por minha mulher por ir à igreja: ela caçoa de mim e ri da minha fé. Há muitos anos, não temos relação sexual, e minha esposa não permite sequer que eu a beije. Mesmo quando éramos recém-casados, minha mulher, inúmeras vezes, repudiou-me. A despeito das ofensas, da frieza e da indiferença, eu nunca a traí, e nunca traí os votos que fiz no matrimônio. Jurei a Deus que a amaria na dor e na felicidade, na saúde e na doença, nas coisas boas e ruins. Então, estou cumprindo o que prometi, enquanto rezo por sua conversão e luto por meu casamento.

Não tive reação. Eu pregava no palco, com exemplos mais teóricos que práticos, enquanto aquele senhor pregava nos bastidores com a própria vida. Senti uma mistura de admiração e de espanto, me senti pequeno... Mas o testemunho daquele senhor tocou-me de uma maneira muito profunda, pois ele era um verdadeiro exemplo de fidelidade a Deus e do que é o verdadeiro amor.

CHAMADO A SER UM GIGANTE DA FÉ

Você, leitor, é chamado a ser um gigante da fé. Jesus disse que Seus discípulos fariam obras ainda maiores do que as que Ele fez (cf. Jo 14,12). Também falou que se tivéssemos fé do tamanho de um grão de mostarda, moveríamos montanhas (cf. Mt 17,20), e que milagres acompanhariam aqueles que creem (cf. Mc 16,17).

Jesus se refere, nesses trechos, não tanto à santidade, mas à fé. As curas realizadas por Ele envolveram a crença daqueles que foram curados. “Vai em paz. Tua fé te salvou!” (cf. Lc 7,50; 17,19). Quando curou o servo do centurião, por exemplo, Jesus disse que não encontrara tamanha fé em nenhum outro lugar (cf. Lc 7,9), e a mulher que era atormentada havia anos por um fluxo ininterrupto de sangue tinha a certeza de que se curaria mesmo se apenas tocasse a orla de Seu manto (cf. Mc 5,25-34).

Deus usou da fé de homens frágeis, como Pedro e Paulo, para realizar grandes coisas. O primeiro curou um homem coxo de nascença (cf. At 3,1-10), e mesmo sua sombra curava os doentes (cf. At 5,15). O segundo é apresentado no livro de Atos dos Apóstolos como alguém em quem encostavam lenços e outros panos para levá-los aos enfermos, que, desse modo, em nome de Deus, eram curados (cf. At 19,12).

Não estou aqui afirmando que todos os pedidos feitos com fé são atendidos por Deus, pois muitos deles não estão de acordo com Sua santa vontade e não representam o que é melhor para nós. Por outro lado, creio que nenhum milagre é feito sem que a pessoa que o pede tenha uma fé inabalável.

Também não quero aqui dizer que se deve seguir a Deus apenas pelos milagres que Ele realiza, mas sim pelo que Ele é. No entanto, creio firmemente que com a fé podemos ser mais usados por Ele e, alimentados por Sua força, ter mais coragem para cumprir as tarefas que Ele nos designa.

Acredite que se a fé, aparentemente, não mudar a sua situação, certamente mudará ao menos o seu coração, fazendo-o enxergar a vitória de Deus, mesmo naquilo que lhe parece uma derrota. Jesus crucificado foi, naquele momento, um sinal de derrota para os discípulos, um fim. Eles não sabiam, naquele instante, que nem a morte pode barrar os planos e os desígnios divinos, do mesmo modo que não sabiam que Jesus ressuscitaria no terceiro dia depois de Sua crucifixão.

A falta de fé, por alguns momentos, cegou os discípulos diante dos acontecimentos. E você, tem enxergado através da fé? Será que Jesus encontrará fé quando retornar ao mundo?

Deixe Deus cultivar sua fé, como fez com Tomé (cf. Jo 20,24-29). Não seja incrédulo e olhe mais para as situações com os olhos da fé, e menos com os olhos humanos. E Jesus, então, lhe dirá: “Vai em paz, a tua fé te salvou”.

[1](#) Fundadora do ramo feminino da ordem franciscana, a chamada Ordem de Santa Clara.

[2](#) São espécies de cidades onde vivem membros do Movimento de diversas vocações.

[3](#) *Cortina de Ferro* foi uma expressão usada para designar a divisão da Europa em duas partes, a Europa Oriental e a Europa Ocidental.

[4](#) Família real norueguesa.

[5](#) Foi um sacerdote francês, canonizado pela Igreja Católica. É considerado o padroeiro dos sacerdotes.

[6](#) Líder do movimento pela independência da Índia.

⁷ Os cristãos sofreram duras perseguições nos países comunistas.

⁸ Cf. <<http://www.portasabertas.org.br/>>.

⁹ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_%C3%A0_Igreja_Que_Sofre>. Acesso em: 13 mar. 2014.

10 Grande [depressão econômica](#) que teve início em [1929](#) e que persistiu ao longo da [década de 1930](#), terminando apenas com a [Segunda Guerra Mundial](#).

11 Polícia secreta do Estado alemão que ajudava na manutenção da [Alemanha nazista](#).

[12](#) Tratado de paz assinado pelas potências europeias que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial.

[13](#) Série de tratados formulados em Genebra que definem as normas para as leis internacionais relativas ao Direito Internacional Humanitário.

[14](#) Disponível em: <<http://doc-expoe.com.br/es/fiquepordentro.asp?id=2764>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

[15](#) A Teologia da Libertação surgiu na América Latina, por volta da década de 60. É uma vertente teológica que tenta reinterpretar o Evangelho e politizar a fé, com métodos marxistas de lutas de classe.

[16](#) O Ato de Inscrição Asiático fazia parte de um grupo de leis e regulamentos segregacionistas que impediam a ascensão social e controlavam a mobilidade espacial de alguns grupos, especialmente de negros, mestiços e indianos.

[17](#) São Francisco de Assis foi o fundador da ordem dos Franciscanos. Filho de um rico comerciante, abriu mão da riqueza da família e doou sua própria vida para servir os pobres e doentes.

[18](#) Nome fictício.

[19](#) Botafogo: Sextante, 2007.

[20](#) Nome fictício.

[21](#) Nome fictício.

[22](#) Nome fictício.

[23](#) Nome fictício.

[24](#) Nome fictício.

[25](#) Nome fictício.

Daniel Godri Junior

O Querer é Seu, o Poder é de **DEUS**




Círculo Nova
EDITORA

O querer é seu, o poder é de Deus

Junior, Daniel Godri

9788576776673

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Querer é Seu, o Poder é de Deus é um livro que responderá a vários questionamentos como: quando Deus age? Quais são as condições necessárias para a manifestação do seu poder? São graças alcançadas por meio do seu grandioso amor, que deu ao homem o direito de escolha, a chance de traçar seus caminhos, suas atitudes, suas omissões e a quem recorrer. Nossas escolhas, a partir de nossa própria vontade, nos conduzem a caminhos e resultados bons ou não tão bons assim. Também a partir do nosso querer podemos dar a liberdade necessária ao grandioso e ilimitado Poder e Amor de Deus em nossas vidas. Aproveite esta leitura, lembrando-se que o poder é de Deus, mas o querer é seu!

[Compre agora e leia](#)



Márcio Mendes

30
MINUTOS
PARA MUDAR
O SEU DIA

Quando uma simples oração
pode transformar absolutamente tudo

30 minutos para mudar o seu dia

Mendes, Márcio

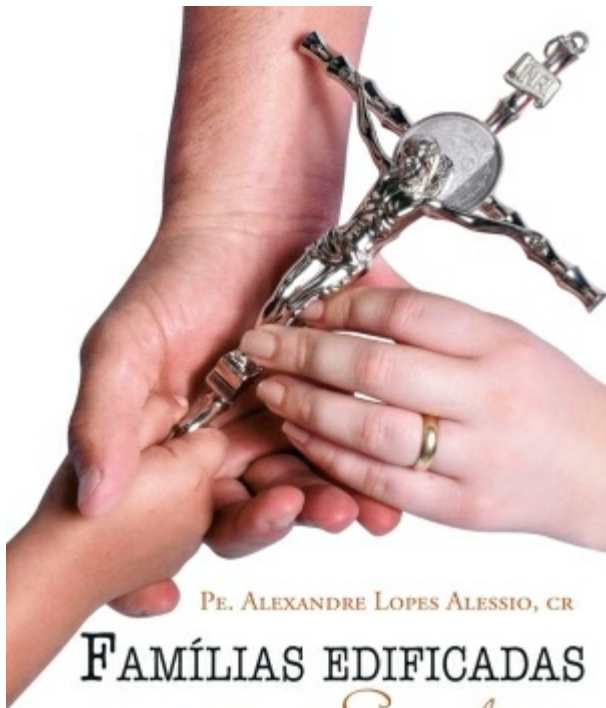
9788576771494

87 páginas

[Compre agora e leia](#)

As orações neste livro são poderosas em Deus, capazes de derrubar as barreiras que nos afastam Dele. Elas nos ajudarão muito naqueles dias difíceis em que nem sequer sabemos por onde começar a rezar. Contudo, você verá que pouco a pouco o Espírito Santo vai conduzir você a personalizar sempre mais cada uma delas. A oração é simples, mas é poderosa para mudar qualquer vida. Coisas muito boas nascerão desse momento diário com o Senhor. Tudo pode acontecer quando Deus é envolvido na causa, e você mesmo constatará isso. O Espírito Santo quer lhe mostrar que existe uma maneira muito mais cheia de amor e mais realizadora de se viver. Trata-se de um mergulho no amor de Deus que nos cura e salva. Quanto mais você se entregar, mais experimentará a graça de Deus purificar, libertar e curar seu coração. Você receberá fortalecimento e proteção. Mas, o melhor de tudo é que Deus lhe dará uma efusão do Espírito Santo tão grande que mudará toda a sua vida. Você sentirá crescer a cada dia em seu interior uma paz e uma força que nunca havia imaginado ser possível.

[Compre agora e leia](#)



PE. ALEXANDRE LOPES ALESSIO, CR

FAMÍLIAS EDIFICADAS *no Senhor*



Famílias edificadas no Senhor

Alessio, Padre Alexandre

9788576775188

393 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, Pe. Alexandre nos leva a refletir sobre o significado da família, especialmente da família cristã, uma instituição tão humana quanto divina, concebida pelo matrimônio. Ela é o nosso primeiro referencial, de onde são transmitidos nossos valores, princípios, ideais, e principalmente a nossa fé. Por outro lado, a família é uma instituição que está sendo cada vez mais enfraquecida. O inimigo tem investido fortemente na sua dissolução. Por isso urge que falemos sobre ela e que a defendamos bravamente. Embora a família realize-se entre seres humanos, excede nossas competências, de tal modo que devemos nos colocar como receptores deste dom e nos tornarmos seus zelosos guardiões. A família deve ser edificada no Senhor, pois, assim, romperá as visões mundanas, percebendo a vida com os óculos da fé e trilhando os seus caminhos com os passos da fé. O livro Famílias edificadas no Senhor, não pretende ser um manual de teologia da família. O objetivo é, com uma linguagem muito simples, falar de família, das coisas de família, a fim de promovê-la, não deixando que ela nos seja roubada, pois é um grande dom de Deus a nós, transmitindo, assim, a sua imagem às futuras gerações.

[Compre agora e leia](#)



Jovem, o caminho se faz caminhando

Dunga

9788576775270

178 páginas

[Compre agora e leia](#)

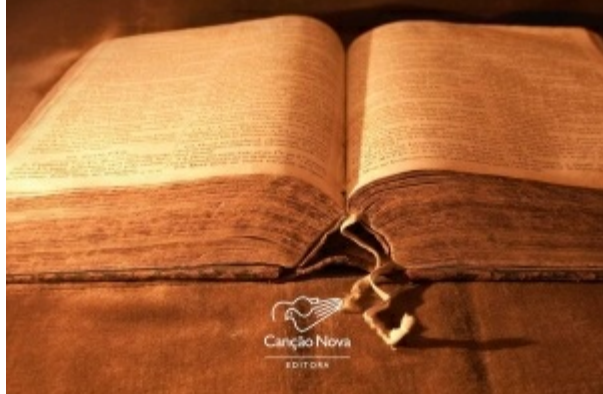
"Caminhante, não há caminho; o caminho se faz caminhando - desde que caminhemos com nosso Deus." Ao ler este comentário na introdução do livro dos Números, na Bíblia, o autor, Dunga, percebeu que a cada passo em nossa vida, a cada decisão, queda, vitória ou derrota, escrevemos uma história que testemunhará, ou não, que Jesus Cristo vive. Os fatos e as palavras que em Deus experimentamos serão setas indicando o caminho a ser seguido. E o caminho é Jesus. Revisada, atualizada e com um capítulo inédito, esta nova edição de Jovem, o caminho se faz caminhando nos mostra que a cura para nossa vida é a alma saciada por Deus. Integre essa nova geração de jovens que acreditam na infinitude do amor do Pai e que vivem, dia após dia, Seus ensinamentos e Seus projetos. Pois a sede de Deus faz brotar em nós uma procura interior, que nos conduz, invariavelmente, a Ele. E, para alcançá-Lo, basta caminhar, seguindo a rota que Jesus Cristo lhe indicará.

[Compre agora e leia](#)

Padre Joãozinho, scj

#minisermão

A Palavra certa para as horas incertas!



#minisermão

Almeida, João Carlos

9788588727991

166 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma palavra breve e certa pode ser a chave para abrir a porta de uma situação difícil e aparentemente insuperável. Cada #minisermão deste livro foi longamente refletido, testado na vida, essencializado de longos discursos. É aquele remédio que esconde, na fragilidade da pílula, um mar de pesquisa e tecnologia. Na verdade, complicar é muito simples. O complicado é simplificar, mantendo escondida a complexidade. É como o relógio. Você olha e simplesmente vê as horas, sem precisar mais do que uma fração de segundo. Não precisa fazer longos cálculos, utilizando grandes computadores. Simples assim é uma frase de no máximo 140 caracteres e que esconde um mar de sabedoria fundamentado na Palavra de Deus. Isto é a Palavra certa... para as horas incertas.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Folha de rosto	2
Créditos	3
Apresentação	4
Introdução	6
Chiara Lubich	8
Dominique Pire	11
Camilo de Lellis	14
Frédéric Ozanam	16
Marcelino Champagnat	18
Isabel de Aragão	20
Damião de Molokai	21
Anne van der Bijl	23
Werenfried van Straaten	24
Billy Graham	26
Maximiliano Kolbe	28
Zilda Arns	30
Família ten Boom	33
Carl Von Ossietzky	35
Jorge Müller	38
Pastor David Wilkerson	40
Padre Joseph Edward Flanagan	43
Irmã Dulce	44
Jean-Henri Dunant	46
Vincenzo Gioacchino Pecci	48
Rigoberta Menchú Tum	50
Albert Schweitzer	52
Óscar Arnulfo Romero	54
Dorothy Mae Stang	56
Martin Luther King Jr.	58

Carlos Roberto Leal	60
Mohandas Karamchand Gandhi	62
Friedrich Froebel	64
Jorge Mario Bergoglio – Papa Francisco	65
Marli: um amor sem limites	67
George: uma história de altruísmo	69
Izabel: a mulher que dividiu o pouco que tinha	70
Ronaldo: o homem que não se importou em ajudar	71
Jacó: o homem que levava sua mulher à missa nos braços	73
Irmã Kenia e a piscina do orfanato	74
Manoel: um gesto do mais puro amor	75
Chamado a ser um gigante da fé	76